

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

O PALHAÇO NO HOSPITAL

Uma revisão bibliográfica

Flávia Bernardo

Orientadora: Adriana Garcia Gonçalves

São Carlos

2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ESPECIAL

O PALHAÇO NO HOSPITAL
Uma revisão bibliográfica

Flávia Bernardo

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito obrigatório para a obtenção do título de Licenciatura em Educação Especial da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sob a orientação da Profª Drª. Adriana Garcia Gonçalves.

São Carlos
2017

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e irmã agradeço imensamente por todo o apoio enquanto estive distante, por acreditarem que eu seria capaz de mudar de área e encarar este grande desafio.

Agradeço às minhas amigas e irmãs do pensionato, por todo o acolhimento e sentimento de fraternidade, compreendi o significado de lar ao compartilhar as risadas de noite, jantares, bolos e pipocas coletivas, apoio a cada decisão importante que todas tivemos que tomar durante a graduação e por cada abraço, seja em situações felizes ou tristes. Talita, Julia e Daya, vocês foram essenciais, estivemos sempre juntas e nossa amizade permanecerá por toda a vida.

Ao Felipe agradeço por me incentivar a seguir meus sonhos, grande apoio antes e durante boa parte da graduação, por cada noite que manteve conversas por vídeo, por me esperar dormir ao telefone e não me deixar sozinha, por toda a recepção quando voltava para casa e pelo carinho que mesmo distante mantivemos um pelo outro. Agradecerei eternamente.

À Gabriela pela companhia e amor, por me fazer sentir autêntica, por acreditar em minha capacidade, pela motivação em momentos difíceis em que não acreditava mais em mim. Você esteve sempre ao meu lado e acreditou, fazendo com que eu seguisse em frente e finalmente concluísse o curso, dando meu melhor. Nossa cumplicidade e reciprocidade nos tornam únicas, sou mais eu quando estou contigo e ter você ao meu lado neste momento tão especial é um grande privilégio. Agradeço também à vida por nos unir, e por cada escondidinho de PTS.

Gratidão infinita aos grandes amigos Rosi e Bart, colegas de trabalho que com seu carinho e atenção me fizeram sentir parte de uma nova família, e amenizaram meus finais de semana na cidade, além da oportunidade de trabalho que me manteve indiretamente em São Carlos quando a situação financeira apertava.

Sou grata às minhas professoras ao longo da vida, que me ensinaram com tanta dedicação e me abriram a mente, assim como aos professores voluntários do cursinho popular de Jandira, pelo ensino de alta qualidade, capacitando-me rapidamente para um sonho que não acreditava ser possível até então: o ensino superior em uma instituição pública.

Aos meus alunos, quando fui estagiária e bolsista, agradeço por serem meus reais professores durante o curso, cada contato com eles era um grande desafio, e acompanhar seus desenvolvimentos era também oportunidade de refletir o quanto eu avançava para me tornar professora.

Ao Grupo Alegrologistas, pelo contato contínuo com a arte e por tornar todas as quintas-feiras especiais. Agradeço pelo acolhimento durante os quatro anos em que participei do grupo e pude assim, ter inspiração para esta pesquisa. Ser a alegrologista Shiu, agregou imensamente à minha formação.

À minha orientadora e professora Adriana, por comprar esta ideia e seguir comigo pacientemente, mesmo com tantas dificuldades e bloqueios que tive no decorrer dos anos para o desenvolvimento deste trabalho.

À banca avaliadora, agradeço pelo tempo e cuidado dedicados na leitura e avaliação desta pesquisa, Rimar e Georgina são inspirações para mim, profissional e pessoalmente.

Se hoje estou concluindo esta fase tão importante da vida, é devido também ao apoio e crença de muita gente que não me conhece, incluindo os motoristas que sempre me levaram e trouxeram em segurança entre Jandira e São Carlos, e todos os funcionários do terceiro setor (na verdade é primeiro) que passaram por esta trajetória em minhas idas e vindas durante quatro anos.

Obrigada a todos que de uma forma ou outra contribuíram para meu crescimento profissional e pessoal durante esta jornada.

RESUMO

O presente estudo teve como objetivo geral analisar a produção científica brasileira em artigos, teses e dissertações acerca da presença do palhaço em ambiente hospitalar. Os objetivos específicos foram: entender sobre os agentes envolvidos durante uma intervenção do palhaço no hospital; compreender como se dá esta relação e o que ela produz, sob questões da mudança da percepção frente ao hospital, socialização, adesão ao tratamento após intervenção lúdica; verificar como entrar em contato com o palhaço em ambiente hospitalar contribui para a formação profissional, seja inicial ou continuada. A coleta de dados foi realizada por meio de busca em quatro bases de dados: Periódicos Capes, Scielo, Lilacs e BDTD, utilizando e combinando os descritores Palhaço, Clown, Hospital, Ludicidade, Intervenção e Humanização. Foram encontrados dezessete artigos, sete dissertações e uma tese, sendo um total de 25 estudos. A discussão foi dividida em dois eixos, com quatro categorias cada, acerca do público abordado nos estudos e relacionado à temática explorada nos estudos. Os estudos abordaram pontos importantes sobre a formação dos profissionais da saúde e como se estabelece a humanização dentro do ambiente hospitalar, assim como houve relato de melhora na interação, socialização de todos os envolvidos e adesão ao tratamento. A percepção do ambiente hospitalar pode ser alterada e o enfrentamento da hospitalização se torna menos traumático. Assim, conclui-se que foi importante fundamentar a atuação dos grupos que envolvem ações do palhaço em hospitais, compreendendo a intervenção por meio da palhaçaria como um recurso complementar à todo um planejamento de humanização em ambientes hospitalares.

Palavras-chave: educação especial; palhaço no hospital; clown; humanização; intervenção.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
1.1 Processo de humanização em instituições hospitalares	6
1.2 Impactos da hospitalização para as pessoas hospitalizadas e seus acompanhantes	9
1.3 Problematização e objetivos da pesquisa	11
2. MÉTODO.....	12
2.1 Tipo de pesquisa e procedimentos para coleta de dados	12
2.2 Análise dos dados	13
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO	17
3.1 Informações técnicas	17
3.2 Informações dos conteúdos	23
EIXO 1 – Atores da construção dos estudos.....	27
Categoria 1: Criança	27
Categoria 2: Equipe hospitalar	28
Categoria 3: Adulto	30
Categoria 4: Palhaço.....	32
EIXO 2 – Temas abordados nos estudos	35
Categoria 1: Mudança de percepção da pessoa diante do hospital	35
Categoria 2: Socialização.....	37
Categoria 3: Adesão ao tratamento.....	39
Categoria 4: Formação profissional.....	41
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS.....	47
APÊNDICE A.....	53

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como foco a presença do palhaço em instituições hospitalares, pois acredita-se que esta forma de intervenção corrobora com o processo de humanização nos hospitais. Assim, foram abordados os conceitos relacionados ao programa de humanização e sua aplicação dentro do ambiente hospitalar, os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS) que representa mundialmente um dos maiores sistemas públicos de saúde e o jogo simbólico como ferramenta de desenvolvimento do brincar – muitas vezes foco da intervenção do trabalho de palhaços em hospitais – trazendo a intervenção lúdica e seus benefícios às pessoas envolvidas na visita de um palhaço no período de internação, sendo funcionários do hospital, acompanhantes e/ou a pessoa hospitalizada.

Após esta introdução, a pesquisa está organizada com a problematização e objetivos que motivaram a realização da mesma. Posteriormente, foi abordada a metodologia adotada para o trabalho – a pesquisa bibliográfica, apresentando a forma de seleção dos estudos e estruturação da análise dos dados encontrados.

Os resultados e discussão foram apresentados na sequência, com a análise dividida em informações técnicas e informações sobre o conteúdo, que foram categorizadas e estudadas parte a parte. Na última parte foram tecidas as considerações finais e apresentadas as referências utilizadas no corpo da pesquisa e os estudos selecionados e analisados. O último item é o Apêndice A, contendo os estudos selecionados, com o detalhamento dos objetivos, métodos e resultados de cada.

1.1 Processo de humanização em instituições hospitalares

Sabe-se que as instituições hospitalares vêm se mobilizando para implementar ações que fortaleça e efetive o processo de humanização. Este fato proporciona melhor relação entre paciente, familiares e profissionais da saúde, e vão de encontro ao bem estar de quem se encontra vulnerável e dependendo dos cuidados dos profissionais. Atitudes que propiciam a humanização visam tratar a pessoa além de sua enfermidade, atentando não apenas a patologia de quem se encontra hospitalizado, mas à saúde e bem estar de todas as pessoas envolvidas durante a situação de tratamento da doença (GONÇALVES, MANZINI, 2011; CECCIM, CARVALHO, 1997).

Grupos que atuam no hospital e que trazem para este ambiente o palhaço como Doutores da Alegria, Cia do Riso (Ribeirão Preto), Alegrologistas e Amor em Gotas (São Carlos) entre tantos outros, mantém sua atuação baseados nestes princípios de humanização, pois a atenção está voltada ao ser humano e suas necessidades biopsicossociais. Preocupam-se em proporcionar conforto em um ambiente comumente conhecido como aversivo aos que o frequentam.

Especificamente as crianças hospitalizadas passam por um momento diferenciado e muitas vezes podendo ser traumático em sua vida, sem poder brincar livremente ou fazer algo que sintam vontade. O controle de sua rotina fica a cargo de uma pessoa desconhecida para elas, e dificilmente há explicação sobre o que está acontecendo ou vai acontecer. Esta situação pode levar a criança a sentir medo e não gostar de estar em um hospital. Há relatos sobre a mudança de comportamento e importância de acompanhamento de crianças hospitalizadas devido a esta mudança brusca de ambiente (OLIVEIRA et al., 2005).

No caso de jovens e adultos que trabalham, há a situação de estarem privados de seus afazeres diários e em muitos casos do emprego, gerando uma preocupação adicional, relacionada à renda provida que pode sustentar a família. Para a paciente mulher, as chances podem ser maiores, como relata o estudo de Delfini, Roque e Peres (2009) sobre ansiedade e depressão em adultos hospitalizados.

Todos os pacientes e pessoas envolvidas no processo de tratamento de saúde devem ser compreendidas de forma integral, inclusive tratando-se dos chefes de família e pessoas que possuem conhecimento sobre o que deve ser feito. Cada pessoa, com suas características, contextos e histórias de vida tem a capacidade de contribuir para que o momento não seja tão difícil como a situação de doença já o faz ser.

Visando tratar a pessoa em primeiro plano, a humanização no ambiente hospitalar foi proposta por meio do Programa Nacional de Humanização de Assistência Hospitalar (Brasil, 2001), discutindo, entre aspectos de organização a ideia de que:

A noção de qualidade em saúde precisa transcender o senso comum de adequação técnica dos agentes sobre o objeto de prática (o paciente), para considerar que este ato é também um ato moral. Uma ação técnica se realiza na dependência de uma relação intersubjetiva que repercute intensamente em todos que dela participam (BRASIL, 2001. p.43).

Mudanças são necessárias e devem ser realizadas ao longo da evolução das instituições hospitalares. Os princípios de humanização têm o objetivo de propor mudanças na estrutura geral dos hospitais, desde a postura profissional até na concepção do que é saúde e doença (TEIXEIRA, 2011; CECCIM, CARVALHO, 1997). O programa Humaniza SUS é o método encontrado pela Política Nacional de Humanização (PNH) para implementar formas mais humanas de tratamento e cuidado com pessoas em hospitais (BRASIL, 2004). Faz parte da PNH valorizar os sujeitos que estão em ambiente hospitalar, sendo estes gestores, funcionários ou usuários, assim como fomenta a autonomia e protagonismo de todos no processo de corresponsabilidade na produção de saúde.

O PNH visa identificar as necessidades sociais de saúde, propõe mudança nos modelos de atenção e gestão de processos com foco nas necessidades das pessoas, firma o compromisso com a melhoria das condições de trabalho e atendimento em unidades hospitalares.

A pediatria tem foco especial no processo de humanização dos hospitais. O Humaniza SUS destaca a importância de ter mais tempo de acompanhamento dos pais ou responsáveis com os pacientes, incluindo visitas (BRASIL, 2004). Dentro destas orientações, é possível considerar sobre a decoração da ala pediátrica e um ambiente com brinquedos disponíveis como recurso de assistência. Dentre os direitos da criança no hospital, o projeto prevê a presença de terapias recreativas e classes hospitalares. Há também a orientação de atenção integral ao paciente, a relação de cuidado não só com quem é atendido, mas também com a ambiência, relações de trabalho entre funcionários e estruturação da humanização em todos os níveis, entre todas as pessoas que trabalham e estão no hospital. É baseado também nestas orientações que vários grupos de palhaços participam de atividades recreativas dentro do ambiente hospitalar.

1.2 Impactos da hospitalização para as pessoas hospitalizadas¹ e seus acompanhantes

Castro (2008) aborda diversos fatores que ressaltam a importância de cuidar também da questão psicossocial de crianças hospitalizadas. A autora retrata a condição de crianças com doenças crônicas, no entanto, pode-se estender o conceito às crianças que estão em condição de internação por quaisquer fatores, ambas são afastadas de sua vida cotidiana e do ambiente familiar, que permite a situação de brincadeira.

Muitas vezes, estar hospitalizado envolve um confronto com a dor, limitação física e passividade. A pessoa necessita se adaptar aos novos horários, confiar em pessoas até então desconhecidas e receber procedimentos invasivos. Esta limitação do que se pode fazer no período de internação leva à compreensão do hospital como um ambiente aversivo, um lugar onde o sentimento de passividade pode predominar. Como consequência, a pessoa pode desenvolver irritabilidade e tristeza durante o período além do sentimento de culpa e problemas de comportamento em geral (OLIVEIRA et al., 2005; DELFINI et al., 2009).

É importante destacar que há interrupção na rotina e esta interrupção não deve ser impeditivo para a pessoa hospitalizada e sua família continuarem suas trajetórias de vida de forma digna e plena. A vida pode ser organizada de acordo com a ida ao hospital e o tratamento fazer parte do dia a dia, assim como existem redes associativas de apoio entre as famílias, fortalecendo as relações entre as pessoas que estão passando pela mesma situação (DE MELLO; MOREIRA, 2010).

Esta questão pode ser ampliada para quaisquer outras pessoas que participem da situação de hospitalização, sendo os acompanhantes ou pessoas próximas que convivem com a pessoa em tratamento de saúde. Estar hospitalizado muda a rotina de trabalho, assim como há a necessidade de confiar no conhecimento de outras pessoas acerca da doença que se tem ou estado que se encontra. A presença do acompanhante também é crucial para o desenvolvimento e melhora da pessoa hospitalizada, como forma de apoio e suporte (LAUTERT et al., 1998).

¹ No documento do Humaniza SUS há a denominação de usuário, enquanto há a abordagem diferenciada em cada estudo selecionado e analisado no presente trabalho, referindo à pessoa que se encontra em tratamento de saúde como paciente, pessoa internada, entre outros. Quando o estudo estiver sendo abordado, o termo utilizado será o escolhido pelo autor. Nos demais casos, será utilizado o termo “pessoa hospitalizada” para referenciar as pessoas que estão em tratamento de saúde.

Desta forma, é de extrema importância oportunizar experiências positivas e vivências das pessoas hospitalizadas para que compreendam melhor o que está acontecendo e como lidar com o período de internação. Deve-se considerar a situação de brincadeira também em pacientes adultos, “Ainda que o brincar seja aparentemente algo só da infância, ele proporciona os subsídios do que é essencial para o ser humano” (GIULIANO; OROZIMBO, 2009, p. 875). Portanto, por meio da intervenção lúdica com o palhaço, as pessoas podem apresentar diferentes expressões de como percebem o ambiente hospitalar. Segundo Knoche (2013, p. 578):

[...] mediante atividades lúdicas, crianças e adolescentes enfrentam e expressam melhor seus medos e conflitos, estimulam a curiosidade e aprendizagem, exercitam sua capacidade de criação, compreensão da realidade [...]

De acordo com Vigotsky (2001) ao detalhar o que seria o jogo simbólico, destaca sua importância para o desenvolvimento humano. Quem está em situação de hospitalização tem quebra na rotina, as crianças ficam desprovidas do direito de brincar durante a maior parte do tempo, portanto, sua relação com o jogo simbólico pode ficar prejudicada.

O uso de músicas, jogos, *contação*² de histórias e a *palhaçaria*³ está cada vez mais comum. A existência de terapias recreativas e o uso da ludicidade para amenizar a hospitalização têm sido ampliados quanto à variedade artística presente e quantidade de pessoas dispostas a visitar estes ambientes (GIULIANO; OROZIMBO, 2009; BEUTER; ALVIM, 2010; BORDONE; PIRES et al., 2015; PAULA MARQUES, et al., 2016).

Estar em contato com a situação lúdica e o brincar, seja em qual idade for, traz possibilidade de reflexão sobre a condição de adoecimento e não apenas a “distração” da situação atual (GIULIANO; OROZIMBO, 2009). Há perspectiva de que estudos relacionados à arte dentro destes ambientes específicos sejam cada vez mais difundidos, a fim de melhorar a qualidade de vida da população que necessite frequentar o hospital, assim como dos profissionais de saúde, acompanhantes e familiares envolvidos.

² *Contação* é o termo utilizado por pessoas que atuam contando histórias como a efetivação de seu trabalho, o momento da ação de contar história.

³ *Palhaçaria* é o termo utilizado por estudiosos e profissionais circenses para designar ações e estudos relacionados aos palhaços.

1.3 Problematização e objetivos da pesquisa

A presente pesquisa teve como problemática: como os estudos brasileiros estão sendo desenvolvidos em relação à presença do palhaço no hospital? Como se dá atuação e interação do palhaço com os participantes enquanto equipe hospitalar, acompanhantes e as pessoas hospitalizadas? Como se configuram os estudos acerca do palhaço no ambiente hospitalar, principalmente destacando os aspectos lúdicos de intervenção e as estratégias utilizadas na abordagem com o palhaço? Desta forma, faz-se necessário realizar a presente pesquisa bibliográfica para traçar o panorama em relação à produção brasileira sobre o palhaço no ambiente hospitalar.

O objetivo geral deste trabalho foi o de analisar a produção científica brasileira em artigos, teses e dissertações acerca da presença do palhaço em ambiente hospitalar. Os objetivos específicos foram: entender sobre os agentes envolvidos durante uma intervenção do palhaço no hospital; compreender como se dá esta relação e o que ela produz, sob questões da mudança da percepção frente ao hospital, socialização, adesão ao tratamento após intervenção lúdica; verificar se o contato com o palhaço em ambiente hospitalar contribui para a formação profissional, seja inicial (dos estudantes) ou continuada (dos profissionais já atuantes).

2. MÉTODO

2.1 Tipo de pesquisa e procedimentos para coleta de dados

Este estudo refere-se a uma pesquisa bibliográfica acerca da presença do palhaço em ambiente hospitalar. A pesquisa bibliográfica é caracterizada pelo levantamento sobre o tema de documentos relacionados à estudos anteriores e publicados, podendo ser artigos, dissertações, tese, livros (SEVERINO, 2007). Os estudos selecionados foram utilizados como base para discussão desta presente pesquisa.

A busca foi realizada utilizando os termos: Palhaço, Clown, Hospital, Humanização, Ludicidade e Intervenção. A escolha destes se deu a partir da consulta ao banco de descritores na área da educação *Thesaurus*, onde os termos “hospital, ludicidade e intervenção” foram encontrados, já os termos “palhaço, clown e humanização” foram adicionados a partir da especificidade da pesquisa.

Esta pesquisa utilizou quatro bases de dados: Lilacs, Scielo, Capes e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD). A pesquisa se deu a partir das combinações dos descritores, fazendo as seguintes combinações, recombinação itens entre os descritores:

- palhaço – hospital;
- palhaço – humanização;
- palhaço – ludicidade;
- palhaço – intervenção;
- clown – hospital;
- clown – humanização;
- clown – ludicidade;
- clown - intervenção.

As buscas ocorreram durante os meses de novembro de 2016 a janeiro de 2017. A primeira base de dados pesquisada foi a Lilacs, seguida da Scielo, Capes e Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD. Durante a pesquisa, alguns artigos foram encontrados mais de uma vez nas bases de dados e combinação dos descritores pesquisados. Para estes casos foi utilizado o seguinte procedimento: apesar de terem sido contabilizados nos totais encontrados, constam como selecionados apenas na primeira base onde foram encontrados. Esta revisão teve

como foco artigos, teses e dissertações produzidos no Brasil, sem limitação de período de publicação e que estivessem de acordo com o tema pesquisado.

A seguir, a Tabela 1 apresenta a quantidade de trabalhos encontrados e selecionados de acordo com a combinação dos descritores e em cada banco de dados.

Tabela 1 - Total de artigo encontrados e selecionados por descritor e banco de dados

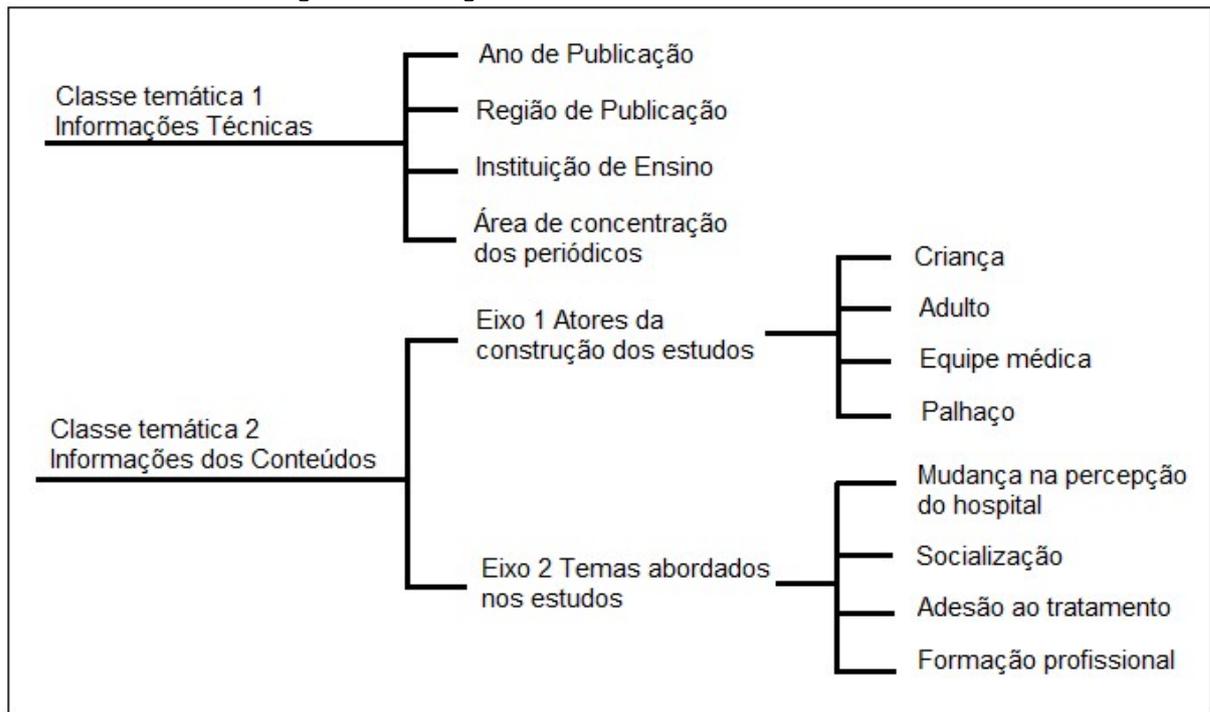
Banco de Dados / Descritores	Lilacs		Periódicos Capes		BDTD		SciELO		Totais por Descritor	
	Encontrado	Selec.	Encontrado	Selec.	Encontrado	Selec.	Encontrado	Selec.	Total Encontrado	Total Selecionado
Palhaço / Hospital	9	5	5	2	6	3	4	1	24	11
Palhaço / Humanização	5	1	4	0	7	2	2	0	18	3
Palhaço / Ludicidade	2	0	0	0	0	0	2	0	4	0
Palhaço / Intervenção	3	0	3	0	2	1	6	0	14	1
Clown / Hospital	12	1	11	1	9	2	12	4	44	8
Clown / Humanização	6	0	2	0	7	0	3	1	18	1
Clown / Ludicidade	1	0	0	0	0	0	1	0	2	0
Clown / Intervenção	4	1	3	0	3	0	6	0	16	1
Totais por Base de dados	42	8	28	3	34	8	36	6	140	25

Fonte: autoria própria

2.2 Análise dos dados

A análise ocorreu por meio de duas classes temáticas, sendo que a segunda se divide em dois eixos com quatro categorias cada. A seguir, foi apresentado o fluxograma que delineou a análise dos dados e, logo a seguir, houve o detalhamento do percurso metodológico adotado.

Figura 1 - Fluxograma delineador da análise dos dados.



Fonte: Autoria própria.

A análise dos dados foi realizada por meio de classes temáticas. As classes temáticas foram divididas em: informações técnicas das pesquisas selecionadas e informações dos conteúdos abordados nas mesmas. As informações técnicas foram: o ano de publicação; região do Brasil em que as pesquisas foram publicadas; instituição de ensino em que as pesquisas estavam vinculadas, os tipos de publicação, sendo artigos, dissertações e teses e por fim, a área de concentração das pesquisas nos tipos de periódicos.

Já as informações dos conteúdos foram direcionadas em dois eixos temáticos sendo o primeiro relacionado ao público alvo focalizado nos estudos, e o segundo eixo relacionado aos temas abordados. Estes dois eixos foram categorizados para o detalhamento da discussão. Em seu artigo, Campos e Turato (2009) falam sobre a importância de esquematizar a pesquisa de forma a selecionar os dados utilizando as categorias e elencando-as pela relevância.

Em relação à formação das categorias, realizada a partir dos tópicos emergentes nas releituras ou unidades de análise ou temáticas, basicamente ela pode ser configurada segundo critérios de relevância. O termo relevância denota um tema importante que, embora não apresente repetição numérica dentre os relatos, sua importância para responder às hipóteses inicialmente formuladas mostra-se de grande potencial e riqueza para o desenvolvimento de conhecimentos novos, garantindo, por si só, material consistente para maior aprofundamento do fenômeno (CAMPOS; TURATO, 2009, p.4).

O primeiro eixo temático denominado “Atores da construção dos estudos” e se refere à diversidade de público abordado nos estudos, sendo dividido nas categorias.

Quadro 1 - Eixo 1: Atores na construção dos estudos

Categoria	Descrição
1 – Criança:	Quando os estudos são realizados em pediatrias e com a participação delas, por meio de relatos acerca da presença do palhaço no hospital;
2 – Equipe hospitalar:	Traz os estudos por meio da percepção dos profissionais que trabalham no hospital e relatam sobre a experiência de ter alguém com nariz vermelho em ambiente de trabalho;
3 – Adulto:	Quando se tratava de estudos onde a atuação do palhaço foi voltada para pessoas adultas ou idosas ou apresentava-se o relato destas pessoas ao receber a visita e intervenção do palhaço;
4 – Palhaço:	Se o estudo dá ênfase à figura do palhaço dentro do hospital pelo viés dos próprios palhaços, e quando há pesquisas teóricas acerca da temática. Os dados são coletados pelos próprios pesquisadores, a exemplo de uma revisão teórica.

Fonte: Autoria própria

O segundo eixo temático teve o título de “Temas abordados nos estudos” e buscou englobar os diversos assuntos mais relevantes nos estudos. As categorias foram levantadas pela maior recorrência e relevância.

Quadro 2 - Eixo 2: Temas abordados nos estudos

Categorias	Descrição
1 – Mudança de percepção das pessoas diante do hospital:	Quando os trabalhos trazem relatos de mudança na forma de ver, entender e pensar o hospital, seja entre os profissionais, acompanhantes ou entre as pessoas hospitalizadas;
2 – Socialização:	Seguindo relatos sobre melhor relação entre as pessoas, com conversas sobre o que está sentindo no caso de paciente e sobre procedimentos e demais formas de expressão, incluindo acompanhantes e profissionais;
3 – Adesão ao tratamento:	Quando há relatos sobre mudança da postura dos agentes envolvidos, relacionados à aceitação e enfrentamento da situação de hospitalização e enfrentamento da doença;
4 – Formação profissional:	Nesta categoria estão inclusos trabalhos que focaram na atuação dos próprios palhaços e se isso modificou sua atuação profissional.

Fonte: Autoria própria

Foram destacadas as categorias mais recorrentes, sendo que um mesmo estudo pôde ser enquadrado em uma ou mais categorias, a depender de sua abrangência.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

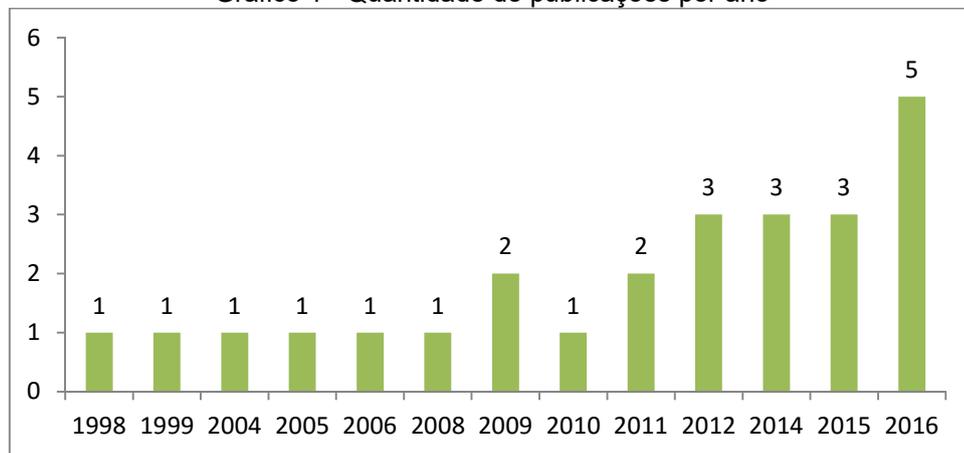
3.1 Informações técnicas

Foram encontrados 17 artigos, sete dissertações, e apenas uma tese, num total de 25 publicações selecionadas.

A seguir está o gráfico referente à quantidade de publicações em cada ano. Foram encontrados artigos, tese e dissertações entre os anos de 1998 a 2016.

Entre 1998, 1999, 2004, 2005, 2006, 2008 e 2010 houve apenas uma publicação por ano. Em 2009 foram duas publicações no ano. Foram publicados três trabalhos nos anos de 2012, 2014 e 2015, e por fim houve um acréscimo no número de publicações em 2016 com cinco publicações.

Gráfico 1 - Quantidade de publicações por ano



Fonte: autoria própria

Houve um acréscimo das pesquisas no último ano, sendo notável o volume de trabalhos apresentados em detrimento dos demais anos. Muito dos trabalhos publicados nos anos iniciais são referenciados nas publicações que se seguem. Desta forma, pode-se compreender a escassez de publicações acerca da temática, em consonância à atuação do palhaço em ambiente hospitalar, mas que vem crescendo nos últimos anos. A partir do ano de 2012 é que as publicações começaram a se destacar quantitativamente.

As atividades voltadas à humanização foram ampliadas algum tempo depois da elaboração do PNH (BRASIL, 2004), e assim, pode-se notar que há a preocupação crescente em ampliar as possibilidades de atuação dentro de hospitais não só por meio dos grupos que realizam trabalhos que contribuem para a humanização, mas sim pelo corpo médico e equipe multiprofissional da saúde que atua nestes espaços, relacionando a humanização com o cuidado estabelecido entre profissionais e pacientes (WALDOW; BORGES, 2011).

A seguir, os estudos encontrados foram distribuídos conforme a região onde foram publicados. Na região Norte não foram encontrados trabalhos relacionados à temática seguindo a metodologia deste estudo. No nordeste, apenas o estado do Ceará teve um estudo publicado. O Centro oeste teve Goiânia e Brasília como representante de dois estudos encontrados. Percebe-se grande concentração das publicações na região sudeste, principalmente entre os estados do Rio de Janeiro e São Paulo, com oito em cada estado, respectivamente, e um trabalho publicado em Minas Gerais. No Sul foram publicados quatro estudos, sendo um no Paraná, dois em Santa Catarina e um no Rio Grande do Sul, totalizando os 25 estudos considerados.

Figura 1 - Distribuição das publicações por região do Brasil



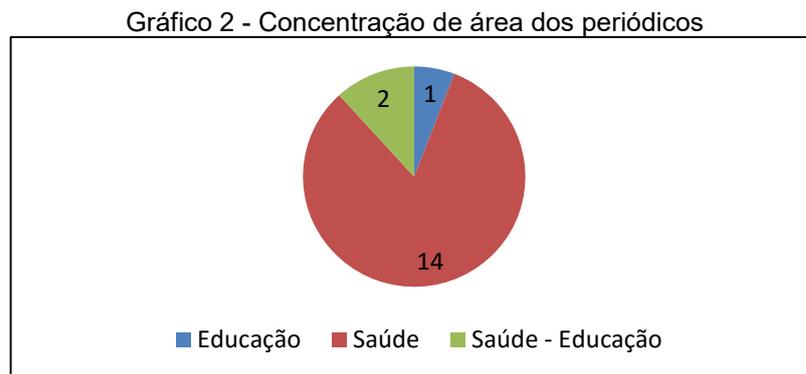
Fonte: autoria própria

A quantidade de publicações na região sudeste é maior que nas demais regiões do Brasil. Acredita-se que fatores como o fato de concentrar a maioria dos hospitais gerais, segundo razão médico/habitante por unidades de federação (CREMESP, 2013) e manter a maior quantidade de universidades (INEP, 2014), faz com que exista campo para desenvolvimento de atividades voltadas à humanização e pesquisas dessa natureza, assim como de pesquisas relacionadas à temática - presença do palhaço no hospital - em maior quantidade do que nas demais regiões.

A seleção de área foi feita somente para os artigos encontrados em periódicos. As dissertações e tese encontradas estão relacionadas no quadro 4,

onde também estão dispostos os respectivos programas de pós graduação ao qual pertencem.

Em relação à área dos periódicos em que os estudos selecionados foram publicados, pode-se notar a grande maioria sendo da área da saúde, principalmente relacionadas à enfermagem. Apenas dois artigos foram publicados em uma revista cujo objetivo é integrar as áreas da saúde e educação e uma em uma revista cujo foco é apenas educação.



Os dois artigos que são de saúde e educação, pertencem ao mesmo periódico cuja proposta é exatamente relacionar ambas as áreas. São estes “Doutores da ética da Alegria” e “Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar”, ambos da revista Interface, de Botucatu. O único artigo encontrado em um periódico da área da educação foi o “ProCura – A arte da vida: um projeto pela humanização na saúde”, publicado na Revista Brasileira de Educação Médica.

Os demais artigos são publicações em periódicos da área da saúde, relacionados aos relatos de experiência ou observação de grupos atuantes com trabalhos semelhantes aos dos Doutores da Alegria. Não houve registro de artigos em periódicos da área cultural ou artística, trazendo a necessidade de estudo pelo viés cultural.

O quadro 3, a seguir, apresenta todos os artigos selecionados, com a relação de autores, o título, periódico onde o artigo foi publicado e o ano e local de publicação. Os trabalhos estão organizados em ordem crescente de publicação.

Quadro 3 - Relação de artigos selecionados

Autores	Título	Periódico	Ano/local
Françani, G. M.; et. al.	Prescrição do dia: infusão de alegria. Utilizando a arte como instrumento na assistência à criança hospitalizada	Revista Latino- americana de enfermagem	Ribeirão preto 1998
Aquino, R. G.; et.al.	Doutores da graça: a criança fala...	Online Brazilian Journal of Nursing	Niterói 2004
Masseti, M.	Doutores da ética da alegria	Revista Interface	Botucatu 2005
Oliveira, R. R.; Oliveira, I. C. S.	Os doutores da alegria na unidade de internação pediátrica: experiências da equipe de enfermagem	Escola Anna Nery Revista de Enfermagem	Rio de Janeiro 2008
Araújo, T. C. C. F.; Guimarães T. B.	Interações entre voluntários e usuários em onco-hematologia pediátrica: um estudo sobre os "palhaços-doutores"	Revista Estudos e pesquisas em Psicologia	Rio de Janeiro 2009
Lima, R. A. G.; et. al.	A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas	Revista Escola de Enfermagem	São Paulo 2009
Lorenzi, C. G.; Paiva, S. A. A.; Funai, M. S.	Sentidos construídos por estudantes de medicina sobre o brincar com a criança hospitalizada: Reflexões sobre formação e humanização da assistência em saúde	Revista Saúde e transformação Social	Florianópolis 2011
Mussa, C.; Malerbi, F. E. K.	O efeito do palhaço no estado emocional e nas queixas de dor de adultos hospitalizados	Psicologia Revista. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde	São Paulo 2012
Mota, G. M.; Mota, D. M. C.; et. al.	A percepção dos estudantes de graduação sobre a atuação do "doutor palhaço" em um hospital universitário	Revista Brasileira em Promoção da Saúde	Fortaleza 2012
Takahagui, F. M.; et. Al.	Madalegria — Estudantes de Medicina Atuando como Doutores- Palhaços: Estratégia Útil para Humanização do Ensino Médico?	Revista Brasileira de Educação Médica	Rio de Janeiro 2014
Rosevics, L; et.al.	ProCura – A arte da vida: um projeto pela humanização na saúde	Revista Brasileira de Educação Médica	Rio de Janeiro 2014
Lima, K. Y. N.; Santos, V. E. P.	O lúdico como estratégia no cuidado à criança com câncer	Revista gaúcha de enfermagem	Porto Alegre 2015
Morcerf, C. C. P. Impagliazzo, S. et. al.	Projeto de Extensão Ilumine: A Entrada da figura do Palhaço no Ambiente Hospitalar	Revista Conexão UEPG	Ponta Grossa 2015

Continua

Autores	Título	Periódico	Ano/local
Amorim, K. P. C.; et. al.	Mediar com Amor e Humor: uma Experiência a partir do Olhar dos Participantes	Revista Brasileira de Educação Médica	Rio de Janeiro 2015
Sato M.; Ramos, A; et. al.	Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar	Revista Interface	Botucatu 2016
Brito, C. M. D.; et. al.	O humor e o riso na promoção de saúde: uma experiência de inserção do palhaço na estratégia de saúde da família	Revista Ciência & Saúde Coletiva	Rio de Janeiro 2016
Martins A. K. L.; et.al.	Repercussões da clownterapia no processo de hospitalização da criança	Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online	Rio de Janeiro 2016

Fonte: autoria própria

Conclusão

A maioria das publicações ocorreu em periódicos da área da enfermagem e saúde, publicadas nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Infelizmente não foram encontrados registros em periódicos da área cultural e artística/cênica, ressaltando, portanto, a importância de estudar o palhaço no hospital por diversas vertentes. Em geral, os artigos são recortes de estudos sobre a interação e os efeitos da presença do palhaço no hospital ou em programas de saúde e também sobre atuar como palhaço e as implicações na formação profissional dos estudantes que vivenciam a situação, além da participação em cursos de especialização.

As dissertações e tese foram realizadas em programas diversos, porém mais centralizados na área da saúde, abrangendo Enfermagem, Psicologia – que pode fazer parte também das ciências humanas – e Ensino na Saúde. Os demais trabalhos originaram de programas na área de Ciências Humanas, contemplando Comunicação e semiótica, Desenvolvimento regional, Antropologia social e Educação física. O quadro 4 apresenta a relação das dissertações e tese selecionadas.

Quadro 4 - Relação tese e dissertações selecionadas

Tipo	Autor	Título	Instituição	Programa	Local / Ano
Dissertação	Wuo, Ana Elvira	O clown visitador no tratamento de crianças hospitalizadas	Universidade Estadual de Campinas UNICAMP	Programa de Pós-Graduação em Educação Física	Campinas 1999

Continua

Tipo	Autor	Título	Instituição	Programa	Local / Ano
Dissertação	Gontijo, Luciana	O discurso dos doutores da alegria: análise semiótica das estratégias comunicativas junto ao público infantil	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC – SP	Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica	São Paulo 2006
Dissertação	Assis, Juscelino Moreira de	O riso pela lógica do palhaço na clínica análise do sofrimento psíquico grave	Universidade de Brasília UnB	Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura	Brasília 2011
Dissertação	Sena, Antonio Geraldo Gonçalves	Doutores da alegria e profissionais de saúde: o palhaço de hospital na percepção de quem cuida	Universidade Federal de Minas Gerais UFMG	Programa de Pós-Graduação em Saúde de Enfermagem	Belo Horizonte 2011
Tese	Cassoli, Tiago	Riso e estratégias de poder: alianças atuais no governo das condutas	Universidade Estadual Paulista UNESP	Programa de Pós-graduação em Psicologia	Assis 2012
Dissertação	Oliveira, Arlene de Sousa Barcelos	Palhaço no hospital: percepção da influência do pronto sorriso como instrumento de aprendizagem no ensino da graduação em medicina	Universidade Federal de Goiás UFG	Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde	Goiânia 2014
Dissertação	Figueiredo, Ana Teresa Costa	Na eternidade cabe lá todo o mundo: visita de palhaços a instituições de longa permanência	Universidade Estadual de Campinas UNICAMP	Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social	Campinas 2016
Dissertação	Igreja, Paula Sofia da	Performance clown e saúde: o papel dos trapamédicos na humanização do ambiente hospitalar na cidade de Blumenau	Universidade Regional de Blumenau FURB	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional	Blumenau 2016

Fonte: autoria própria

Conclusão

Os trabalhos estão concentrados na região sudeste, centro-oeste e por fim, há um trabalho na região sul. Há duas dissertações da UNICAMP nos programas de pós-graduação em Antropologia Social e Educação Física. A mais antiga, de Wuo (1999), é citada na grade maioria dos estudos selecionados, assim como demais produções desta mesma autora.

Pode-se notar que há uma produção pequena sobre a temática, mas que está em constante crescimento. As dissertações encontradas possuem temas variados entre si, sendo que trabalham a presença do palhaço em hospital pela vertente de quem pratica a *palhaçaria*, por meio dos funcionários do hospital, em instituições de longa permanência (que foram selecionadas por manterem cuidados semelhantes ao de um hospital, assim como manter funcionários da área da saúde).

A tese selecionada traz o contraponto a todos os estudos que falam de benefícios relacionados à presença do palhaço em ambiente hospitalar. O autor questiona, dentre outros pontos, a presença do palhaço enquanto único critério de

humanização, e que essa função que deveria ser do estado / governo seria terceirizada por meio das ONGs e grupos de palhaços visitantes.

3.2 Informações dos conteúdos

Os estudos foram analisados e a síntese dos trabalhos pontuando os objetivos, metodologias e resultados estão no Apêndice A desta pesquisa.

A seguir, no Quadro 5 abaixo serão apresentados os resultados relacionados ao conteúdo de cada estudo selecionado, conforme os eixo e categorias de análise levantadas. Muitos dos estudos trataram de mais de uma categoria em ambos os eixos, sendo que estão detalhadas todas as informações, levantadas após leitura dos estudos e adequação ao tema. A discussão será em ordem, por eixo e categorias já elencados anteriormente.

Quadro 5 - Enquadramento dos estudos em eixos e categorias

Autores	Ano Local	Título	Eixo temático 1 Atores da construção dos estudos	Eixo temático 2 Temas abordados nos estudos
Françani, G. M.; et. al.	1998	Prescrição do dia: infusão de alegria. Utilizando a arte como instrumento na assistência à criança hospitalizada	2 – Equipe hospitalar	1 - Mudança de percepção do hospital 4– Formação profissional
Wuo, Ana Elvira	1999	O clown visitador no tratamento de crianças hospitalizadas	1 – Criança 4 – Palhaço	1 - Mudança de percepção do hospital 3 – Adesão ao Tratamento
Aquino, R. G; Bortolucci, R. Z.; Marta, I. E. R.	2004	Doutores da graça: a criança fala...	1 – Criança	2 – Socialização 3 – Adesão ao tratamento
Masseti, M.	2005	Doutores da ética da alegria	4 – Palhaço	4 – Formação Profissional
Gontijo, Luciana	2006	O discurso dos doutores da alegria: análise semiótica das estratégias comunicativas junto ao público infantil	1 – Criança 4 – Palhaço	1 – Mudança de percepção do hospital 3 – Adesão ao Tratamento
Oliveira, R. R.; Oliveira, I. C. S.	2008	Os doutores da alegria na unidade de internação pediátrica: experiências da equipe de enfermagem	2 – Equipe hospitalar	1 - Mudança de percepção do hospital 2 – Socialização 3 – Adesão ao Tratamento
Araújo, T. C. C. F.; Guimarães T. B.	2009	Interações entre voluntários e usuários em oncologia pediátrica: um estudo sobre os "palhaços-doutores"	1 – Criança 4 – Palhaço	1 – Mudança de percepção do hospital 3 – Adesão ao tratamento

Continua

Autores	Ano Local	Título	Eixo temático 1 Atores da construção dos estudos	Eixo temático 2 Temas abordados nos estudos
Lima, R. A. G.; et. al.	2009	A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas	1 – Criança	2 – Socialização 3 – Adesão ao Tratamento
Assis, Juscelino Moreira de	2010	O riso pela lógica do palhaço na clinicância do sofrimento psíquico grave	3 – Adulto 4 – Palhaço	2 – Socialização
Lorenzi, C. G.; Paiva, S. A. A.; Funai, M. S.	2011	Sentidos construídos por estudantes de medicina sobre o brincar com a criança hospitalizada: Reflexões sobre formação e humanização da assistência em saúde	2 – Equipe hospitalar	4 – Formação Profissional
Sena, Antonio Geraldo Gonçalves	2011	Doutores da alegria e profissionais de saúde: o palhaço de hospital na percepção de quem cuida	2 – Equipe hospitalar 4 – Palhaço	1 – Mudança de percepção do hospital 3 – Adesão ao Tratamento
Mussa, C.; Malerbi, F. E. K.	2012	O efeito do palhaço no estado emocional e nas queixas de dor de adultos hospitalizados	3 – Adulto	2 – Socialização 3 – Adesão ao tratamento
Mota, G. M.; Mota, D. M. C.; et. al.	2012	A percepção dos estudantes de graduação sobre a atuação do “doutor palhaço” em um hospital universitário	2 – Equipe hospitalar	1 – Mudança de percepção do hospital 4 – Formação Profissional
Cassoli, Tiago	2012	Riso e estratégias de poder: alianças atuais no governo das condutas	4 – Palhaço	2 – Socialização 3 – Adesão ao Tratamento
Oliveira, Arlene de Sousa Barcelos	2014	Palhaço no hospital: percepção da influência do pronto sorriso como instrumento de aprendizagem no ensino da graduação em medicina	2 – Equipe hospitalar 4 – Palhaço	1 – Mudança de percepção do hospital 4 – Formação profissional
Takahagui, F. M.; et. al.	2014	<i>Madalegria</i> — Estudantes de Medicina Atuando como Doutores-Palhaços: Estratégia Útil para Humanização do Ensino Médico?	2 – Equipe Hospitalar	3 – Adesão ao Tratamento 4 – Formação profissional
Rosevics, L; et. al.	2014	ProCura – A arte da vida: um projeto pela humanização na saúde	2 – Equipe hospitalar	4 – Formação profissional
Lima, K. Y. N.; Santos, V. E. P.	2015	O lúdico como estratégia no cuidado à criança com câncer	1 – Criança 4 – Palhaço	2 – Socialização 3 – Adesão ao tratamento

Continua

Autores	Ano Local	Título	Eixo temático 1 Atores da construção dos estudos	Eixo temático 2 Temas abordados nos estudos
Morcerf, C. C. P. Impagliazzo, S. et. al.	2015	Projeto de extensão ilumine: a entrada da figura do palhaço no ambiente hospitalar	2 – Equipe hospitalar	1 – Mudança de percepção do hospital 4 – Formação Profissional
Amorim, K. P. C.; et. al.	2015	Mediar com Amor e Humor: uma Experiência a partir do Olhar dos Participantes	2 – Equipe hospitalar	1 – Mudança de percepção do hospital 3 – Adesão ao Tratamento 4 – Formação profissional
Sato M.; Ramos, A. et. al.	2016	Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar	4 – Palhaço	1 – Mudança de percepção do hospital 3 – Adesão ao tratamento 4 – Formação profissional
Brito, C. M. D.; et. al.	2016	O humor e o riso na promoção de saúde: uma experiência de inserção do palhaço na estratégia de saúde da família	3 – Adulto	2 – Socialização 3 – Adesão ao tratamento
Martins A. K. L.; et. al.	2016	Repercussões da clownterapia no processo de hospitalização da criança	1 – Criança 2 – Equipe hospitalar	3 – Adesão ao tratamento
Igreja, Paula Sofia da	2016	Performance clown e saúde: o papel dos trapamédicos na humanização do ambiente hospitalar na cidade de Blumenau	1 – Criança 4 – Palhaço	1 – Mudança de percepção do hospital 2 – Socialização 3 – Adesão ao Tratamento
Figueiredo, Ana Teresa Costa	2016	Na eternidade cabe lá todo o mundo: visita de palhaços a instituições de longa permanência	3 – Adulto 4 – Palhaço	2 – Socialização

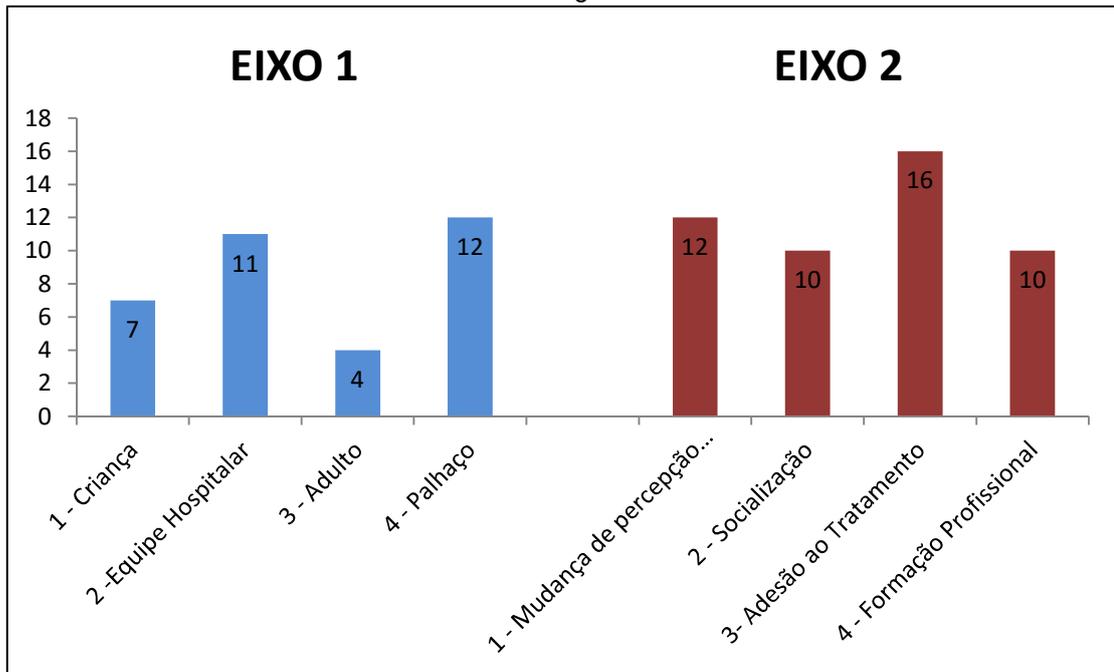
Fonte: autoria própria

Conclusão

É possível notar que os estudos que falam sobre aos adultos dão foco à socialização destes, visto que podem sentir dificuldades de lidar com a situação de hospitalização, assim como esperam saber quais procedimentos deverão passar durante o tratamento da saúde. Quando se trata de equipe hospitalar, percebemos como a presença do palhaço amplia as possibilidades de trabalho e auxilia na formação profissional de quem acompanha e de quem participa como palhaço. As crianças aderem melhor ao tratamento e muitas vezes ameniza a visão negativa que podem sentir ao estarem hospitalizadas. Em sequência estes dados serão discutidos detalhadamente.

O gráfico 3 apresenta a recorrência das categorias elencadas nos eixos 1 e 2 em todos os estudos selecionados.

Gráfico 3 - Recorrência das categorias em cada eixo abordado



Fonte: autoria própria

Percebe-se maior recorrência da categoria palhaço no Eixo 1, abordando sua presença por meio das diversas óticas nos estudos. Já no Eixo 2, a Adesão ao tratamento foi mais explorada, sendo abordado o humor e o cuidado nas suas diversas apresentações como fatores relevantes para o enfrentamento da doença e hospitalização.

A categoria menos abordada em ambos os eixos foi relacionada aos adultos. Esta situação pode ser compreendida pela baixa incidência de visita dos palhaços em ambientes hospitalares que não sejam relacionados à pediatria. No entanto, os estudos que fizeram esta análise trouxeram a relevância do acolhimento e humor para adultos e idosos hospitalizados.

EIXO 1 – Atores da construção dos estudos

O eixo 1 trabalha a questão do público alvo do trabalho, de quem as informações para a construção do estudo selecionado foram levantadas. Há quatro diferentes públicos elencados nos estudos, sendo crianças, equipe hospitalar, adulto e palhaço. Dessa forma, foi possível avaliar diferentes pontos de vista acerca da presença do palhaço em ambiente hospitalar, com suas causas e efeitos.

Categoria 1: Criança

Primeiramente, há o estado da criança antes da situação de hospitalização. Muitas crianças têm o seu período de brincadeiras, a atenção voltada aos estudos e a tranquilidade de ter a família por perto de forma solícita e responsiva. No entanto, acontece esta ruptura brusca da rotina durante a situação de internação, trazendo um estranhamento que muitas vezes perdura caso não exista o acolhimento que transpasse a atenção exclusiva ao tratamento da doença (FRANÇANI et al., 1998).

Diversos autores trazem fatores que estão ligados à imagem que as crianças desenvolvem em relação ao hospital assim como à doença, podendo se modificar e a depender do processo de cura. Há situações de hospitais que podem desumanizar os pacientes de forma sutil, porém significativa para quem passa por este processo. A falta de interação com demais pessoas, sendo outras crianças ou a visita limitada dos familiares, a dificuldade de brincar e exercer o lúdico são situações que podem deixar a criança acuada, ansiosa e de fato não se sentir à vontade no hospital, causando em caso mais extremos tristeza, ansiedade e depressão (LIMA; SANTOS, 2015; MARTINS, 2009).

Estar em um ambiente que não seja familiar, ter que obedecer a horários estabelecidos por pessoas não conhecidas e que muitas vezes por fatores externos não dedicam um tempo para explicar ao paciente o que está acontecendo e quais serão os procedimentos que acontecerão, acrescidos das dores causadas pela doença podem tornar a experiência de internação pouco agradável ou aversiva. (LIMA; SANTOS, 2015; MARTINS, 2009; WUO, 1999; FRANÇANI et al. 1998).

É importante que exista o tratamento acolhedor, com o foco na integralidade da criança atendida, não só por parte da família que muitas vezes é compreensiva com as angústias da criança, mas também com os profissionais envolvidos, fazendo-

as compreender por quais procedimentos estão passando e quais passos seguirão. Percebe-se que a criança inserida neste contexto consegue desenvolver brincadeiras relacionadas à vivência no hospital, utilizando recursos que antes poderiam causar medo de forma lúdica e natural, em uma brincadeira (LIMA et al. 2009).

A intervenção da grande maioria dos palhaços que visitam ambientes hospitalares é orientada pelo entendimento de que a criança é poderosa, em seu maior sentido. As crianças podem decidir sobre tudo quando estão na presença com um palhaço e são as maiores detentoras do conhecimento entre todos os presentes (FRANÇANI et al., 1998; LIMA et al., 2009; WUO, 1999).

Esta atuação vem ao encontro do que Wuo (1999) retrata em seu estudo, sobre a dialética do opressor-oprimido representada pelos palhaços Branco (opressor) e Augusto (oprimido) - que serão melhor abordadas na categoria Palhaço - e como há mudanças na postura das crianças quando atuam como o Branco e exerce poder sobre o palhaço visitante. Esta atuação é o contraponto a toda situação descrita nos estudos anteriores acerca da hospitalização. A criança exerce sua vontade, se quiser receber a presença e brincar com o palhaço, ou caso não queira, é ela quem decide. O “não” também é respeitado (GONTIJO 2006; WUO, 1999).

Atitudes empoderadoras colocam a criança à frente de sua condição ou à sua doença, humanizando-a. Inserir o brincar dentro das possibilidades no ambiente hospitalar alivia o estresse e traz melhora na rotina do hospital, auxiliando para o desenvolvimento pleno e bem estar da criança, que pode, dentre outros fatores, acelerar o processo de cura (FRANÇANI et al., 1998; WUO, 1999; LIMA et al., 2009; GONTIJO, 2006).

Categoria 2: Equipe hospitalar

Toda a prática profissional do hospital se baseia nas relações interpessoais entre trabalhadores, pacientes e seus respectivos familiares. O processo de trabalho hospitalar advém de uma “relação de interdependência” entre toda a equipe e, como toda relação, é recheada de expectativas e com as subjetividades de cada sujeito envolto (OLIVEIRA, 2014).

A situação de trabalho da equipe médica de um hospital pode ser bem exaustiva, em alguns casos com longos períodos de plantão, assim como a complexidade do trabalho exige certa atenção e concentração que podem desgastar as pessoas que trabalham em hospital (SENA, 2011; OLIVEIRA, 2014). Além de todos os elementos estressantes presentes no ambiente hospitalar tem-se também o julgamento, um organograma rígido de relações de poder que pode ocasionar conflitos e disputas - que desgastam ainda mais o profissional emocionalmente (OLIVEIRA, 2014).

O lidar constantemente com a morte e a dor de pacientes, nos seus mais diversos níveis, agravam as dificuldades presentes nos relacionamentos interpessoais, seja com familiares dos pacientes, dentro da própria equipe - e todo esse processo abala a saúde física e emocional dos trabalhadores. Outro fator estressante presente no ambiente hospitalar é a presença dos aparelhos de tecnologia avançada que emitem ruídos constantes, causando mais uma sobrecarga dos estímulos deste ambiente - essa já no campo dos estímulos auditivos. Toda a sobrecarga pode trazer diversos prejuízos à saúde de todos os sujeitos que estão constantemente neste ambiente como, por exemplo, “estresse, insônia, alterações na pressão arterial e na satisfação com o trabalho” (SENA, 2011).

Apesar da nítida melhora em boa parte dos pacientes não são raros os relatos dos profissionais sobre o incômodo causado pela presença do palhaço no hospital. São estes incômodos relacionados à não valorização do palhaço enquanto profissional da cultura que pode agregar ao trabalho realizado em ambiente hospitalar, como se ali não fosse lugar para brincadeiras, assim como profissionais tímidos e que podem estar mais irritadiços por terem de alguma forma a interrupção das atividades rotineiras em virtude da presença do palhaço.

Há no estudo de Sena (2011) situações que justificariam este desconforto, podendo ser gerado por conta de ações complexas (como preparação do medicamento, exames minuciosos, etc) realizadas no ambiente e todo o estresse que tais procedimentos resultam. A prática do palhaço em hospitais é comumente aceita, e há pessoas que se intimidam em dizer que são contrárias a prática, sendo por receio ou por não acreditar em sua funcionalidade. Há casos em que a negação da presença pode ocorrer de forma implícita ou velada, como bloqueios ou retirada do profissional (quando possível) do ambiente em que se encontra o palhaço, ou de forma mais direta com a negativa de participação da brincadeira. Mesmo que

minoria, este dados merecem atenção para compreensão da situação de trabalho dos integrantes da equipe hospitalar.

Sena (2011), durante seu estudo traz relatos de profissionais mostrando a percepção dos resultados das intervenções dos grupos de palhaço nos pacientes: a felicidade esboçada facilita a abordagem e recepção para a realização de procedimentos.

Eu acho que eles ficam mais receptivos ao que a gente vai fazer. Mas, quando dá para a gente esperar um pouquinho para eles brincarem com os Doutores da Alegria, aí a gente espera, e fica mais fácil. 'Agora que o palhaço passou, a gente tem que fazer'. Eles até aceitam mais fácil o procedimento que a gente tem que fazer com eles depois que eles (os Doutores da Alegria) vêm. Eu acho que fica mais alegre o ambiente, depois que eles passam (Enfermeira entrevistada no estudo, SENA, 2011, p. 58).

A relação profissional-paciente é pautada na confiança. Quando se pensa em saúde, deve-se ter como foco uma relação pautada na confiança e o respeito, isso melhora a qualidade do contato com o paciente e, conseqüentemente, a atuação do profissional (AMORIM, 2015).

Durante a atuação dos palhaços os profissionais têm a oportunidade de observar e distinguir se sintomas como apatia, prostração e resistência por parte dos pacientes são conseqüências das condições hospitalares, das relações vividas dentro do hospital ou se sintomas de suas doenças (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2008).

Portanto, mesmo com algumas negativas acerca da presença do palhaço em situações específicas, a avaliação de forma geral entre os estudos é positiva e retrata ganhos não só aos pacientes, mas sim sobre a parceria criada entre profissionais de diferentes áreas, com foco em todos os presentes e não apenas os pacientes.

Categoria 3: Adulto

Mussa e Malerbi (2012) retratam a situação de um adulto hospitalizado que muitas vezes tem que lidar com a doença atrelada a outros fatores do cotidiano. Um adulto hospitalizado fica fora do seu ambiente de trabalho, mas ainda assim, em muitos casos tem a responsabilidade de gerir a família, pagar suas contas, cuidar de filhos, dentre outras tarefas que geralmente não podem ser dirigidas à outra pessoa, assim como em alguns casos não é permitida a presença de um acompanhante,

fazendo com que a pessoa tenha que lidar sozinha com ansiedades e medos relacionados ao desenvolvimento da doença.

Esta situação de afastamento por motivo de saúde do ambiente de trabalho pode gerar estresse no sentido de dúvida sobre a continuidade do emprego e a estabilidade financeira, que entra em risco. Pessoas adultas requerem informações acerca dos procedimentos relacionados ao seu tratamento, assim como sobre os riscos envolvidos e seu real estado de saúde o que em alguns casos pode ser ocultado. A depender do estado de saúde da pessoa por conta da doença, há a recorrência desse afastamento, causando em casos extremos a perda do emprego ou, devido às comorbidades que a doença pode causar, a pessoa poderá ser reconduzida a desempenhar outra função em que nunca trabalhou. Todos estes riscos e responsabilidades são recorrentes e podem trazer preocupações, principalmente vindo de pessoas que não pertencem ao mercado formal (MUSSA; MALERBI, 2012).

Tratando-se de pacientes idosos, temos os fatores anteriormente citados atrelados ao risco de que em longos períodos de permanência possa acontecer o isolamento social e sensação de abandono (MUSSA; MALERBI, 2012). Pensando nesta situação, a atuação dos palhaços voltada aos pacientes adultos e idosos são mais afetuosas e relacionadas às conversas com o objetivo de escuta, além da realização das brincadeiras e palhaçadas. Há casos em que a presença do palhaço é a única possibilidade de conversa e troca entre pessoas internadas (FIGUEIREDO, 2016).

A sensibilidade durante a intervenção de um palhaço em instituições de longa permanência e hospitais amplia as possibilidades de interação entre adultos e idosos que estejam passando por situações semelhantes, trazendo o apoio e empatia para passar pela situação de adoecimento (TAKAHAGUI, et al., 2014; FIGUEIREDO, 2016; MUSSA; MALERBI, 2012).

O trabalho diferenciado para o público adulto traz dignidade e respeito a esta população muitas vezes sobrecarregada quando hospitalizada. A intervenção, ainda que com foco em brincadeiras e descontração de forma geral, não é infantilizada. Mesmo que em alguns casos não exerça tanto efeito após a visita dos palhaços (MUSSA; MALERBI, 2012) o momento de intervenção ameniza o estado de hospitalização e traz novas possibilidades de enfrentamento da doença. (TAKAHAGUI et al., 2014; FIGUEIREDO, 2016).

Categoria 4: Palhaço

Palhaço e *Clown* são termos que possuem a mesma essência, mas são tratados de formas diferentes a depender do contexto de onde surgem. De forma muito resumida, palhaço é o sujeito que vem do circo, enquanto o *clown* é o sujeito que vem dos estudos teatrais acerca da comicidade⁴. Ambos são sujeitos avessos às normas sociais e que trabalham seguindo regras próprias. (BOLOGNESI, 2003). Neste contexto, os termos palhaço e *clown* aparecem durante a discussão assumindo o mesmo papel, sendo abordado com uma terminologia ou outra a depender do estudo citado, e em alguns casos, com ambos os termos.

Por meio de diferentes propostas, o palhaço de hospital se apresenta como um sujeito simples, que equipara todas as pessoas e coisas à sua volta como possibilidade de criação de brincadeiras. A transformação para o *clown* atuante em hospitais traz o lado leve, risonho e brincalhão com a vida e da forma como ela se apresenta, sem retirar a pessoa da realidade que vivencia, mas sim transpondo o conceito negativo que se tenha acerca do hospital (WUO, 1999).

Segundo Sena (2011) e Oliveira (2014) a atuação do palhaço é caracterizada com base no encontro do outro, definido pelo olhar. A continuação ou não da brincadeira depende da parceria construída entre as pessoas no mesmo ambiente. A maneira peculiar de lidar com a vida amplia as possibilidades de se ver e de ver o outro. Wuo (1999) também aborda particularidades de ser um *clown*. No momento em que a pessoa utiliza o nariz vermelho (a figura do nariz é essencial ao ser palhaço) possui liberdade para atuar da forma que lhe couber, independente da ordem pré-estabelecida na sociedade.

Esta atuação de forma aberta traz várias possibilidades e formas de ver o mundo e as coisas que acontecem à sua volta. O olhar ampliado se estende aos materiais dispostos em um hospital, passíveis de serem modificados de acordo com a imaginação de todos os presentes. Portanto, equipamentos simples como “um frasco de soro pode ser um aquário de onde fugiu um peixinho. Um desentupidor de

⁴ Para maiores estudos acerca da compreensão dos termos e sobre os palhaços, indico a leitura do livro “Palhaços”, de Mário Fernando Bolognesi. Este livro traz uma abordagem histórico-cultural da figura do palhaço, além de apresentar números, com a justificativa de possíveis origens de todos os termos utilizados atualmente para designar os palhaços.

pia vira um estetoscópio capaz de diagnosticar se a pessoa engoliu muitos sapos”, como exemplifica Sena (2011) em seu estudo.

Esta postura independente do palhaço ou *clown* vai ao encontro do entendimento do ser palhaço retratado por Masseti, (2005) em que o ser é livre, não linear e trabalha com o inesperado, fazendo com que tudo à sua volta seja visto como se fosse a primeira vez, com ar de novidade. Brito et al. (2016) também apresentam a definição do palhaço atrelada com a liberdade do ser. O palhaço representa então um sujeito que trata, de forma cômica, situações que ocorrem à sua volta, podendo lidar com alguma situação de maneira considerada absurda, mas revelando com a devida lucidez situações que podem ser problemáticas (como ausência de equipamentos, tempo de espera para o atendimento, entre outros).

Wuo (1999) traz a história dos palhaços clássicos nomeados de Branco e Augusto, metáfora com a relação entre dominante e dominado já abordada brevemente na categoria relacionada às crianças. A relação estabelecida é a de que o palhaço Branco sempre é o mais esperto da dupla, e vive tentando enganar o palhaço mais bobo, o Augusto, que por sua vez sempre aceita a condição que lhe é imposta. O paciente, enquanto adoecido e hospitalizado é dominado pela sua doença e por toda a condição de passividade que envolve estar hospitalizado. Sendo assim, em uma representação, este paciente seria o palhaço Augusto (dominado).

Já com a presença do palhaço visitante que compreende esta situação e toda a dialética envolvida, reconhecendo o posicionamento dos palhaços Branco e Augusto, aconteceria durante a intervenção a inversão de papéis, tornando o paciente que até então era um ser passivo num sujeito ativo dentro do ambiente. A posição de Augusto (dominado) por parte do palhaço visitante faz com que o paciente mude de “papel” e passe a representar a figura do Branco (dominante). Desta forma e ao menos neste momento, o paciente tem poder e espaço para “mandar” no palhaço, assim como é tido como o mais esperto, vivenciando de forma descontraída essa mudança de papel.

O objetivo da presença do palhaço em ambientes hospitalares é, segundo Lima e Santos (2015), relacionado à qualidade de vida e bem estar para além do campo patológico. A ação se estende a acompanhantes e equipe médica, reduzindo a ansiedade e estresse durante o tratamento dos pacientes. O riso possui função essencial para melhora das relações entre as pessoas, assim como traz benefícios

ao organismo. Rir em um ambiente sob condições adversas faz com que as tensões acerca do tratamento sejam amenizadas.

É possível que exista esta relação de identificação com o palhaço por este ser alguém que não esconde seus medos e anseios, que expõe o ridículo com naturalidade, e desta forma, nos aproxima enquanto seres incompletos e passíveis de cometer erros. (ASSIS, 2010) O ridículo se torna risível.

Há muitos benefícios citados devido à visita do palhaço em hospitais. Mota, Mota et al. (2012) apresentam o trabalho do palhaço com a relação de troca, de conhecimento e compreensão no contato com a outra pessoa, e como esta empatia é uma estratégia de humanização. Durante a visita é possível repensar a condição que as pessoas estão dispostas, compreender a interação entre elas e oferecer apoio (MOTA; MOTA et al., 2012; IGREJA, 2016).

O uso de recursos lúdicos envolvendo acompanhantes, equipe médica e pacientes é outra estratégia de humanização que faz com que todos sejam vistos de forma integral, assim como a figura do palhaço que não está em intervenção para distração dos problemas existentes em um hospital - de ordem estrutural ou administrativa - mas sim como uma pessoa que trabalha o acolhimento de todos e se insere como integrante daquele ambiente, compactuando com os anseios, medos e angústias que envolvem a hospitalização. Ao ver o palhaço tratar uma pessoa com estranha normalidade, é possível que outras pessoas sigam este modelo de tratamento, melhorando a relação entre todos os envolvidos no ambiente hospitalar. (SATO, RAMOS et al., 2016; MARTINS, 2009).

Deve-se atentar ao fato de que em nenhum dos estudos a presença do palhaço é abordada como resolução de todos os problemas. Não há o objetivo de resolver a humanização ou trazer a presença de alguém pintado de palhaço como mera distração enquanto algum procedimento aversivo acontece. Há instituições que ainda confundem a função humanizadora e a reduzem à presença de alguma atração descontextualizada no hospital (CASSOLI, 2012). No entanto, em todos os estudos abordados sobre a postura do palhaço, este se apresenta como recurso e parte de um planejamento maior de humanização, como uma das estratégias elaboradas por profissionais ou estudiosos que relacionam a *palhaçaria* à humanização e hospitais (MUSSA; MALERBI, 2012; MARTINS, 2009; WUO, 1999).

EIXO 2 – Temas abordados nos estudos

O eixo temático 2 foi dividido nas categorias relacionadas ao assunto abordado em cada estudo. Houve mais de uma categoria por estudo. No entanto, a discussão será na ordem apresentada: Mudança de percepção da pessoa diante do hospital, socialização, adesão ao tratamento e formação profissional.

Categoria 1: Mudança de percepção da pessoa diante do hospital

Nota-se que a grande maioria dos estudos aponta para a ruptura frente ao ambiente hospitalar, muitas vezes hostil, ou seja, “quebra do clima pesado” que existe em um hospital, e assim, proporciona a diminuição dos níveis de ansiedade e apoio para o enfrentamento da doença, assim como de seus procedimentos.

Com o longo tempo de internação os pacientes, principalmente crianças, não conseguem enxergar o hospital como uma segunda casa. O tempo passado ali é desgostoso, e quanto mais idade a criança tem, maior a quantidade de reclamações por estar ali, segundo relato de profissionais da área da saúde nos estudos de Martins (2009).

Ao pensarmos em humanização se torna impossível não discutir novas formas do “saber-se humano” e sua relação com o coletivo, buscando a promoção do bem-estar integral - que abarca as diversas dimensões da vida dos sujeitos - sua qualidade de vida e relações estabelecidas durante o período de adoecimento (LORENZI et al., 2011; IGREJA, 2016). A necessidade de modificar o ambiente tradicional do hospital e transformá-lo num ambiente acolhedor foi o que abriu as portas dos hospitais para a entrada do palhaço. Nesse contexto, o palhaço assume a posição de um instrumento terapêutico, se tornando uma ferramenta crucial para a recuperação dos pacientes (MORCERF; IMPAGLIAZZO, 2015).

Por meio do estudo de Wuo (1999) é possível perceber como a atuação dos palhaços torna o ambiente, mesmo que estressante e tenso, num local mais “leve” e acolhedor. Um espaço onde até mesmo a equipe de profissionais poderia compartilhar fantasias e expectativas junto aos seus pacientes.

O conceito de que a presença do palhaço é única e, exclusivamente voltada ao paciente está mudando nos hospitais do mundo para que exista um ambiente mais humanizado. Nesse mesmo espaço de solenidade é aberto um espaço de lazer

ao elemento artístico, recreativo, cômico, e isso só é possível quando esse mesmo elemento é aceito pela instituição como um recurso a mais na luta pela vida, isto é, está inserido na equipe de tratamento do hospital (WUO, 1999).

Wuo (1999) cita o exemplo da atuação de uma palhaça específica: a Dolarria. Durante sua estada os ambientes causavam um impacto em pacientes e acompanhantes. Mesmo os profissionais, por mais angustiados e estressados que estivessem se viam envolvidos num clima mais ameno. Esse momento permitia as pessoas que readquirissem um “certo equilíbrio” e fazia com que a ansiedade e estresse do grupo como um todo baixasse.

Então quer dizer que a gente rindo põe para fora aquelas angústias, ansiedades, essas coisas todas. (Relato de uma profissional de saúde) (WUO, 1999 p.185).

A presença dos palhaços no hospital contribui para a ressignificação das estruturas, funções, pessoas e até objetos. Isso possibilita a mudança do ambiente como um todo (SATO et al., 2016). A transformação do ambiente institucional ressignifica todo o contexto para os agentes daquele espaço - não só as crianças, mas também acompanhantes e membros da equipe hospitalar. O benefício proporcionado reverbera para além dos focos da intervenção (ARAÚJO, 2009). Os relatos de acompanhantes abaixo exemplificam o alcance da intervenção dos palhaços.

*Sinto bem também. Porque é tão estressante, desgastante. Eles alegram até a gente também.
Eu nunca fui muito de palhaço, eu percebo que ela [filha] fica animada, aí eu fico animada.
(Relato dos acompanhantes, acerca das estratégias distrativas de enfrentamento) (ARAÚJO, 2009 p. 640).*

Conseguindo modificar o foco dos pacientes infantis do mal que lhes aflige e proporcionando um espaço para desabafar anseios e até receber palavras de conforto é outro grande objetivo da atuação dos palhaços (AMORIM, 2015).

O estudo de Françani et al. (1998) relatou transformações no ambiente hospitalar: tornou-se mais descontraído, o som de risos se tornou mais frequente. Esse tipo de intervenção valoriza todo o processo de desenvolvimento infantil. Já Lima (2009) relata que no ambiente hospitalar o ato de brincar torna o ambiente mais alegre e menos traumatizante - e isso contribui para a recuperação da criança.

Ainda abarcando o estudo de Wuo (1999), o contato com o *clown* traz a alegria que pode proporcionar uma nova perspectiva de vida para o paciente. O tratamento assume uma nova linha prática e a alegria auxilia o sujeito fragilizado, auxiliando nas condições de aceitação e enfrentamento dos problemas ligados direta ou indiretamente a patologia.

O lúdico, ao assumir como forma de enfrentamento das adversidades, tem o objetivo de alterar a relação construída entre a criança e a doença. Por mais que esta mudança de postura não dê a criança um controle real da doença, evita que o paciente se acomode de forma passiva, o sujeito passa a poder enfrentar esta situação com uma força que anteriormente não tinha. Essa alteração transforma o paciente de passivo para um agente ativo no enfrentamento de sua doença na situação hospitalar (GONTIJO, 2006).

Categoria 2: Socialização

Mediante o que foi discutido até aqui já se sabe que a interação entre paciente e palhaço promove mudanças no mínimo entre ambos. Entretanto, estas mudanças não se restringem ao paciente. A presença colorida também promove melhora na socialização e interação entre os pacientes e a equipe. A criação desta nova forma de socialização afasta o paciente do isolamento social que possa ser causado pela internação (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2008).

As relações na instituição incluem não só os pacientes e profissionais de saúde, mas também os acompanhantes e, porque não, os próprios palhaços. Toda essa dinâmica promove mudanças nas condutas adotadas pela equipe no cuidado, o que potencializa os efeitos positivos da presença dos palhaços, extrapolando o momento das intervenções (SATO; RAMOS et al., 2016).

No estudo de Assis (2010) há momentos de descrição das cenas de interação entre palhaços na instituição onde viviam pessoas com “sofrimento psíquico grave”. Em momentos de interação com os palhaços, houve a compreensão de que existiam pessoas, sujeitos que sobressaem ao estigma de “doido” como erroneamente são vistos/tratados por pessoas desconhecidas. Desta forma, há a socialização das pessoas com base no humor, na leveza e no fazer rir. Neste momento notamos a importância de uma comunicação arraigada de conhecimento e cultura, que fazem

do encontro um período de qualidade, em que qualquer fala é considerada e relevada para continuidade da interação.

Em muitos casos a presença do palhaço assume a posição de escuta. Figueiredo (2016) aponta a necessidade que pacientes idosos tem de falar. Essa necessidade, já considerada uma característica desta idade, proporciona um viés específico quando pensamos na proposta de humanização que utiliza o riso como base.

Mussa e Malerbi (2012) em seu estudo constataram que as atividades desenvolvidas pelos palhaços promovem a interação e união entre os pacientes - mesmo depois que não estão mais presentes. Assim, com a interação, mesmo que momentânea, torna-se benéfica para o enfrentamento da doença.

O lúdico que o palhaço traz promove uma socialização intensificada nos pacientes. No caso das crianças, a interação com pares de idades semelhantes contribui para seu desenvolvimento e o bem estar durante a estadia no hospital (LIMA; SANTOS, 2015).

A melhora do humor das crianças é perceptível durante a intervenção dos palhaços em parte por conta do esquecimento, mesmo que momentâneo, da situação de hospitalização, assim como sua desmistificação (AQUINO et al., 2004). Como nos traz um dos relatos da psicóloga atuante no hospital do estudo de Sena (2011):

Olha, para mim, é um trabalho importantíssimo e complementar à nossa prática aqui da psicologia, porque muitas vezes, o paciente está tão deprimido que a gente não consegue abordá-lo, assim, de cara, né? E os Doutores da Alegria, eles chegam e ajudam. O paciente sorri, fica mais disposto. Eu acho que é um trabalho complementar e imprescindível aqui na pediatria (Psicóloga entrevistada) (SENA, 2011, p. 52).

A melhora é notada não só por profissionais, mas por acompanhantes também. Lima et al. (2009) trazem relatos de pais que reconhecem uma mudança perceptível no quesito engajamento dos seus filhos.

A mãe comenta que seu filho é um pouco tímido e por isso fica sério durante as brincadeiras, mas que adora as visitas da Cia, inclusive já tinha pedido a ela para colocar a camisa do Corinthians para que as palhacinhas vissem [...] (Relato de observação de um participante da Cia do Riso) (LIMA et al., 2009, p. 190).

Mesmo inserida num contexto que remete ao sofrimento, o sorriso que resulta da interação paciente-clown revela essa retomada da autonomia, a dominação do

sofrimento e as dificuldades relacionadas - e essa possibilidade é estendida a acompanhantes e equipe médica (LIMA et al., 2009).

A partir da intervenção do palhaço foi possível proporcionar a reinserção da pessoa no seu lugar do mundo. Há o resgate ao respeito à autonomia, que melhora a autoestima e o reconhecimento de sua própria essência. A pessoa consegue se encarar como um ser social (BRITO et al., 2016).

Categoria 3: Adesão ao tratamento

A presença da “Clownterapia” traz às crianças internadas uma recuperação mais efetiva. Ela permite a realização dos procedimentos hospitalares de uma forma mais natural, pois aproxima a criança ao seu cotidiano fora do contexto hospitalar, podendo assumir um papel mais ativo em sua reabilitação (MARTINS, 2009). As intervenções auxiliam também na disposição da criança frente ao hospital, o que facilita a realização dos procedimentos médicos ou exames necessários. Sentimentos como aceitação e tranquilidade se mostram presentes (WUO, 1999). Como demonstra o relato de uma paciente de seis anos no estudo de Araújo (2009):

Bem, sinto que as minhas mãos não ficam doendo, nem sinto reação da quimioterapia. Porque a gente esquece. Quando eu faço quimioterapia, eu vomito. E eu não vomitei. Fico quietinha. Você viu que o menino tava chorando e parou de chorar? (Relato de uma criança hospitalizada) (ARAÚJO, 2009 p. 639).

As crianças não esquecem onde e para quê (o motivo) estão em um hospital, no caso esquecem os medos e angústias que ocupam parte dos pensamentos quando está hospitalizado. No estudo de Aquino (2014), as crianças participantes relataram que as brincadeiras as ajudavam a se distrair da dor e, conseqüentemente, as deixavam mais fortes. Durante todo o relato é possível perceber o quanto ligavam a imagem do palhaço ao processo de cura. O ato de brincar reduz a tensão do ambiente de forma a torná-lo mais agradável. Essa melhora é reconhecida como uma das medidas terapêuticas necessárias para cuidar da criança na situação de paciente (LIMA; SANTOS, 2015).

O sorriso funciona, dessa forma, como um indicador muito importante para a recuperação dos pacientes. Pais relatam que, com a melhora de seus filhos, conseguem lidar de forma mais tranquila com a hospitalização e alguns conseguem

até mesmo associar uma imagem positiva ao ambiente de internação (OLIVEIRA; OLIVEIRA, 2008).

Como exemplo segue um trecho do relato do estudo de Amorim (2015):

Uma mãe que nos acompanhava durante um dia de brincadeiras acredita que nosso trabalho ajuda muito as crianças a se recuperarem. De acordo com ela, as atividades diminuem a tensão com os profissionais e quebram a tristeza do hospital, além de serem ações educativas, que muitas mães não têm instrução suficiente para tal (Relato de uma palhaça nomeada como Branca de Neve) (AMORIM, 2015 p.299).

A mudança da rotina hospitalar é uma ruptura que promove a melhoria da saúde e da efetivação do tratamento dos pacientes, de acordo com os profissionais. No estudo de Oliveira (2014), a relação entre a equipe da unidade hospitalar e dos palhaços foi caracterizada pelos profissionais entrevistados como harmoniosa, tranquila e boa.

Os entrevistados do estudo de Mota e Mota et al. (2012) relataram que as visitas melhoram o ambiente da instituição, diminui o estresse tanto dos pacientes quanto dos acompanhantes, trazem alegria e auxiliam na recuperação dos doentes.

No estudo de Takahagui et al. (2014) 50% dos entrevistados consideram o “doutor-palhaço” como um aliado dos profissionais de saúde, uma vez que auxiliam o paciente a superar aspectos ligados ao adoecimento, ao distraí-lo momentaneamente, resultando numa maior aceitação e uma colaboração ativa no tratamento, sem negação do momento que estão vivendo, mas com o foco no processo de cura.

Mussa e Malerbi (2012) apresentam relato de pacientes sobre a diminuição das preocupações seja em relação a doença ou em relação ao afastamento e a situação financeira. Também relataram que a presença dos palhaços estimulava a comunicação dos pacientes adultos com os profissionais de saúde por meio da descontração e brincadeiras, fazendo com que tivessem maior entrosamento e confiança para questionarem sobre procedimentos que deveriam passar e etapas do tratamento, facilitando assim a adesão ao tratamento.

Categoria 4: Formação profissional

Nesta categoria, a formação profissional perpassa, desde a formação inicial de estudantes da área da saúde, até profissionais com experiência considerável, que por meio da presença do palhaço lidam com a formação continuada. São explorados questionamentos sobre o olhar integrado que é necessário à reflexão do profissional, sua abertura durante a inserção no ambiente de trabalho, e como os profissionais lidam com esta integração. Percebe-se que os estudos estão concentrados na percepção de futuros estudantes de cursos na área da saúde, principalmente de medicina.

Ao analisarmos a formação acadêmica, os alunos relatam ganhos relacionados às atividades profissionais e em relação à dinâmica dos seus estudos. O senso de responsabilidade e espírito solidário são estimulados com a atuação dos palhaços. Acadêmicos relataram também sentimentos como medo e insegurança no primeiro contato com o paciente, e no decorrer das intervenções os sentimentos foram substituídos pela prática e domínio do espaço na unidade hospitalar (OLIVEIRA, 2014).

O estudo de Oliveira (2014) e Lorenzi et al. (2011) são relacionados à disciplinas ofertadas em cursos de medicina. Essas disciplinas oferecem a oportunidade de acadêmicos experimentarem o trabalho artístico-cultural. A valorização do desenvolvimento pessoal e profissional uma vez que a atuação médica deve ir além do tratamento das patologias - mas do sujeito como um todo.

Nas palavras de Bambalalão, diferentemente do que se aprende nas matérias do 5º e 6º ano, com o aprendizado da anamnese e de protocolos de atendimento, a participação no grupo ensina a importância do encontro com o outro (LORENZI et al., 2011, p.90).

A oportunidade de ter o contato direto com pessoas hospitalizadas por outra via que não exatamente o atendimento médico amplia a capacidade de escuta, diálogo, empatia e favorece a criação do vínculo estudante-paciente (LORENZI et al., 2011).

Os estudantes entrevistados acreditavam que a participação nos respectivos projetos contribuíram de forma significativa para a compreensão da prática da intermultidisciplinaridade. Relataram a construção do olhar para o paciente e ver um ser

humano integral e não mais um número e diagnóstico (MOTA; MOTA et al., 2012; MORCERF; IMPAGLIAZZO, 2015; LORENZI et al., 2011).

[...] Eu tenho colegas que passaram pelo projeto está entendendo? E realmente você vê que na hora de, pelo menos pra gente que está no internato, na hora de você pôr em prática a relação de ficar dia a dia com o paciente, a relação médico-paciente, com certeza eles têm muito mais facilidade de comunicação com esse paciente, eles têm e acabam criando uma habilidade maior de fazer esse tipo de entrevista [...] (Relato de um estudante entrevistado) (MOTA; MOTA et al., 2012, p. 29)

O relato exemplifica o discurso de muitos estudantes após a experiência como palhaço.

Quando estudantes entram em contato com esta atuação, é possível resgatar conceitos como “cuidado” e a importância do sorriso do paciente, aliando-se ao desenvolvimento de uma formação acadêmica mais ética e humana (AMORIM, 2015).

A inserção dos demais cursos da área da saúde nas discussões e intervenções enriquece o debate e estimula o contato multiprofissional. Durante o estudo de Rosevics et al. (2014) observaram uma aquisição de confiança e aprendizagem sobre a prática do trabalho em equipe durante a participação de alunos como palhaços. Os cursos de formação de palhaços destes futuros profissionais de saúde proporcionaram o resgate dos “ideais humanísticos” que os alunos de medicina relataram ter deixado de lado, com o foco muitas vezes apenas nos aspectos do saber técnico e cientificista, infelizmente naturalizados dentro da academia. Para lidar com a situação de internação e até mesmo o próprio desenvolvimento pessoal foram realizados treinamentos que promovem a reflexão sobre todo o processo de perda e morte envolvidos. Além disso, ajudou na promoção de hábitos higiênicos saudáveis e rotineiros - cruciais para a boa adaptação ao ambiente hospitalar.

No estudo de Takahagui et al. (2014) foi observado o desenvolvimento das habilidades de comunicação com o paciente de forma a ampliar a visão que o estudante tem do outro, ultrapassando quaisquer conceitos ou preconceitos sociais. Ao promover o desenvolvimento das habilidades de comunicação, desenvolve-se também uma relação pautada na humanização entre profissional e paciente.

No entanto, estes relatos de estudantes de medicina são preocupantes, percebe-se que caso não existisse o contato com a *palhaçaria* ou demais recursos

lúdicos em sua formação, a reflexão sobre humanização não ocorreria com a mesma profundidade. Esta constatação é retrato do quanto ainda precisa ser trabalhado não só na área da saúde, mas sim sua integração com a educação.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível traçar o panorama não apenas nos termos técnicos, mas também saber quais são os focos dos estudos brasileiros. A maioria concentrou-se no sudeste, e a quantidade de publicações aumentou consideravelmente nos últimos anos. Geralmente os estudos são realizados de forma a retratar grupos atuantes em cursos da área da saúde, assim como os efeitos de suas visitas e intervenções nos hospitais ou instituições.

A atuação dos palhaços, na maioria dos estudos, é apresentada com muito respeito e compreensão à pessoa hospitalizada. O sujeito vem antes de seu tratamento e sua voz é ouvida, suas decisões são respeitadas. Não só a pessoa hospitalizada, mas seu acompanhante, a enfermeira, o faxineiro e o diretor do hospital, se passar pelo caminho dos palhaços, todos são tratados com igualdade.

Cada estudo apresentou algumas particularidades entre si. No entanto, a abordagem sobre a humanização segue a mesma linha em muitos. A necessidade de repensar ambientes hospitalares com foco no acolhimento e integralidade dos pacientes, acompanhantes e equipe médica faz com que a presença de recursos lúdicos seja inserida e aproveitada por todos os envolvidos. A tentativa é de que seja possível resgatar os conceitos de médico da família, aproximando os profissionais dos pacientes e acompanhantes e valorizando as relações interpessoais.

O atendimento de qualidade proporciona participação ativa da pessoa hospitalizada, assim como enfoca não apenas a resolução da doença, mas a atenção ao cuidado de forma integral, respeitando a individualidade de cada um. Os estudos selecionados pela busca nesta pesquisa apresentam mudanças significativas nos relatos dos participantes em relação ao conceito que se tem sobre cuidado. Há a ressignificação do cuidado quando existe a presença de algum recurso lúdico. A atenção se torna ampla por meio da compreensão de se tratar a pessoa, antes de sua doença.

A vida de uma pessoa que está hospitalizada não deve ser reduzida a um número ou patologia, conforme aprende-se a atuar colocando as pessoas em primeiro lugar, a humanização é estabelecida. A dignidade é enfatizada, com foco na pessoa, com seus contextos, medos, conhecimentos adquiridos ao longo da vida, com total consideração ao processo que está vivendo.

O humor característico da atuação dos palhaços em hospitais é uma válvula de escape à toda a tensão de quem passa por este processo. A leveza e

ingenuidade são reconhecidas e nos remetem à simplicidade das ações, contrapondo a suposta complexidade das relações humanas, assim como procedimentos médicos que se tornam passíveis de intervenção dos palhaços, ampliando as maneiras de lidar com algo aversivo. Lidar com a ludicidade em diversos ambientes e relacionando com todas as idades e variedade de pessoas traz a possibilidade de um olhar diferenciado ao período de hospitalização, amenizando dores e sofrimento.

Ter um palhaço visitante no hospital faz com que repensemos questões sobre a interdisciplinaridade no trabalho da equipe hospitalar. Diferentes profissionais com o mesmo objetivo trazem olhares diferenciados para a resolução da mesma situação, mais uma vez ampliando as possibilidades de trabalho.

A presença de palhaços que em muitos casos são profissionais da saúde ou estudantes desta área possibilita a formação continuada acerca da humanização. Assim é possível promover a melhora no bem estar e qualidade de vida de todos os envolvidos, assim como repensar a prática de pessoas que atuam a muito tempo na mesma função, que em muitos casos tinham a formação limitada a eliminação das doenças, assim como estudantes da área da saúde, que podem ter uma carga horária pesada, fazendo com que o foco seja em identificar patologias e eliminá-las, mas desconsiderando de quem estão falando.

No entanto, deve existir cuidado com a supervalorização criada em torno da filantropia e entender que há uma indústria que lucra por traz disso, com o pretexto de "trabalho humanitário". É importante também repensar a imagem de "resolução de problemas" que as grandes instituições vendem, mas que na prática não se esforçam para resolver. As ONGs atuantes podem ser utilizadas como pretexto de esforços realizados pelo governo ou instituições para mascarar resoluções que o próprio capitalismo instituído impede que sejam de fato resolvidas. A falta de recursos e estruturas em qualquer hospital não deve ser substituída por festas temáticas e isoladas ao longo do ano. Ter um pouco mais de cor sobressaindo ao branco do hospital não resolve problemas estruturais e administrativos que vão além do alcance os profissionais que estão trabalhando diretamente no cuidado e tratamento dos pacientes.

Nesse contexto há a confusão da atuação de pessoas sérias com justamente a distração citada, o que acaba assumindo o papel do "circo" do "pão e circo" (muitas vezes representados nesses casos).

O olhar não deve ser limitado à presença do palhaço como um recurso recreativo estritamente. Percebe-se por meio do levantamento realizado nesta pesquisa que o foco na humanização e formação dos profissionais se sobressai à intenção de distrair a pessoa hospitalizada. A questão é aprofundada e exige atenção, por lidar com bem estar, qualidade de vida e de trabalho, dignidade e respeito.

O entendimento de que o palhaço não está em cena estritamente para distração vai de encontro à valorização de uma profissão mais humanizada, com atuação multidisciplinar, orientada tanto pela arte como pela educação atreladas à saúde.

Este trabalho teve a limitação de não ter as buscas ampliadas aos outros países ou idiomas. Também não houve a comparação dos dados encontrados com a existência do palhaço em outros contextos que não os hospitalares ou instituição de longa permanência. Assim como não foi possível, devido às características da pesquisa, comparar os profissionais, estudantes, pacientes e acompanhantes que receberam dos que não receberam a visita de um palhaço nestes ambientes.

Caso a busca ocorra com mais descritores, a depender do objetivo que se propõe pesquisar, serão encontrados mais resultados sobre temáticas próximas, temas semelhantes que não foram selecionados neste estudo. Há também a possibilidade de reestruturar as categorias, de forma a comparar e discutir os temas encontrados e relevantes nas buscas por outra perspectiva. Desta forma é possível aprofundar a temática em diferentes tipos de atuações, em ambientes hospitalares de curta ou longa permanência.

Portanto, acredita-se que esta pesquisa possa subsidiar novos trabalhos, é imprescindível que exista a continuidade dos estudos para compreender os processos envolvidos e trabalhados na presença do palhaço em ambiente hospitalar.

REFERÊNCIAS

- AMARAL, Vivian et al . Prevalência e relação de fatores emocionais e clínicos em pacientes com discopatia degenerativa. **Coluna/Columna**, São Paulo , v. 9, n. 2, p. 150-156, jun. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-18512010000200011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 26 dez. 2016.
- AMORIM, Karla Patrícia Cardoso et al . Mediarte com Amor e Humor: uma Experiência a partir do Olhar dos Participantes. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 2, p. 294-301, Jun. 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022015000200294&lng=en&nrm=iso> Acesso em 09 nov. 2016.
- AQUINO, R. G. de; BORTOLUCCI, R. Z.; MARTA, I. E. R. Doutores da graça: a criança fala... **Online Brazilian Journal of Nursing** (OBJN – ISSN 1676-4285) v. 3, n. 2, 2004. Disponível em <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/4909/pdf_764> Acesso em 8 nov. 2016.
- ARAÚJO, T. C. C. F.; Guimarães T. B. Interações entre voluntários e usuários em onco-hematologia pediátrica: um estudo sobre os "palhaços-doutores". **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, Ano 9. N.3, p. 632-647, 2º sem 2009. Disponível em < <http://www.revispsi.uerj.br/v9n3/artigos/pdf/v9n3a06.pdf> > Acesso em 8 nov 2016.
- ASSIS, Juscelino Moreira de. **O riso pela lógica do Palhaço na Clinicanálise do sofrimento psíquico grave**. 2010. 102 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura) Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.
- BEUTER, M.; ALVIM, N. A. T. Expressões lúdicas no cuidado hospitalar sob a ótica de enfermeiras. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 567-574, Set. 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452010000300019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 jan. 2017.
- BOLOGNESI, M. F. Palhaços (4ª reimpressão). 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2003. v. 1. 293p.
- BORDONE PIRES, W. G. et al . Efeito da intervenção clown no padrão de depressão de idosos em instituição de longa permanência. **Cienc. enferm.**, v. 21, n. 2, p. 99-111, agosto 2015 . Disponível em <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-95532015000200010&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 08 nov. 2016.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **HumanizaSUS - A Humanização como Eixo Norteador das Práticas de Atenção e Gestão em Todas as Instâncias do SUS**. Brasília, 2004. Disponível em: <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizasus_2004.pdf> Acesso em 30 mar 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Política Nacional de Humanização. Formação e intervenção / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, **Política Nacional de Humanização**. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010.

BRITO, Cristiane Miryam Drumond de et al. Humor e risos na promoção da saúde: uma experiência de inserção de palhaços na estratégia de saúde da família. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 553-562, fev. 2016. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232016000200553&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 nov. 2016.

CAMPOS, C.J.G.; TURATO, E.R. Análise de conteúdo em pesquisas que utilizam metodologia clínico-qualitativa: aplicação e perspectivas. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 17, n. 2, Abr. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-11692009000200019&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 04 dez 2016.

CASSOLI, Tiago. **Riso e Estratégias de Poder: alianças atuais no governo das condutas**. 2011.167f. Tese (Doutorado em Psicologia). – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2012.

CASTRO, Catarina Gomes Machado. **Histórias Infantis como promotoras de comunicação em psicologia pediátrica**. 2008. 210f. Dissertação (Mestrado em Processos de desenvolvimento humano e saúde. Área de concentração Psicologia da Saúde). – Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

CECCIM, R.B.; CARVALHO, P.R.A. (orgs.). **Criança hospitalizada: atenção integral como escuta à vida**. Porto Alegre, RS: UFRGS, 1997. p. 27-41.

COZBY, Paul C. **Método de pesquisa em ciência do comportamento**. Paula Inez Cunha Gomide (Trad.); Emma Otta (Trad.). São Paulo: Atlas, 2003. 454 p.

DE MELLO, D. B., MOREIRA, M. C. N. A hospitalização e o adoecimento pela perspectiva de crianças e jovens portadores de fibrose cística e osteogênese imperfeita. **Ciência & Saúde Coletiva**, 15(2), 2010. p.453. Disponível em: <<http://go-galegroup.ez31.periodicos.capes.gov.br/ps/i.do?p=AONE&sw=w&u=capex&v=2.1&it=r&id=GALE%7CA223658142&asid=fe36f6d9707fd3851f6d23329dec10d4>> Acesso em 11 jan. 2017.

DELFINI, A. B. L.; ROQUE, A. P.; PERES, R. S. Sintomatologia Ansiosa e Depressiva em Adultos Hospitalizados: Rastreamento em Enfermaria Clínica. **Revista Interinstitucional de Psicologia**, V.2, p. 12-22, jun 2009. Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/gerais/index.php/gerais/article/view/23/37>> acesso em 15 dez 2016.

Demografia Médica no Brasil, v. 2 / Coordenação de Mário Scheffer; Equipe de pesquisa: Alex Cassenote, Aureliano Biancarelli. – São Paulo: **Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo**: Conselho Federal de Medicina, 2013. Disponível em <<http://www.cremesp.org.br/pdfs/DemografiaMedicaBrasilVol2.pdf>> Acesso em 15 jan 2017.

FIGUEIREDO, Ana Teresa Costa. **Na eternidade cabe lá todo o mundo** : visita de palhaços a instituições de longa permanência. 2016. 123 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

FRANÇANI, G.M.; ZILIOI, D.; SILVA, P.R.F.; SANT'ANA, R.P.de M.; LIMA, R.A.G.de. Prescrição do dia: infusão de alegria. Utilizando a arte como instrumento na assistência à criança hospitalizada. **Rev. Latinoamericana de Enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 6, n. 5, p. 27-33, dezembro 1998.

GIULIANO, R. C.; OROZIMBO, N. M.; SILVA, L. M. S. Reflexões sobre o "brincar" no trabalho terapêutico com pacientes oncológicos adultos. **Psicol. cienc. prof.**, Brasília, v. 29, n. 4, p. 868-879, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932009000400016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 Jan. 2017.

GONÇALVES, A. G.; MANZINI, E. J. . **Classe hospitalar**: poesia, texto e contexto de crianças e adolescentes hospitalizados. 1. ed. Marília: ABPEE, 2011. v. 500. 100p .

GONTIJO, Luciana. **O discurso dos Doutores da Alegria**: Análise semiótica das estratégias comunicativas junto ao público infantil. 2006. 177f. Dissertação ou Tese (Mestrado em Comunicação e Semiótica – Signo e Significação nas Mídias) Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

IGREJA, Paula Sofia da. **Performance clown e saúde**: O papel dos Trapamédicos na humanização do ambiente hospitalar na cidade de Blumenau. 2016. 166f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) Centro de Ciências Humanas e da Comunicação, Universidade Regional de Blumenau, Blumenau, 2016.

KNOCHE, L. M. M. Contar, ler e brincar: a importância da contação e da leitura de histórias aliadas ao lúdico como agentes transformadores da rotina hospitalar. **Revista ACB**, [S.l.], v. 18, n. 1, p. 576-598, set. 2012. ISSN 1414-0594. Disponível em: <<https://revista.acb.org.br/racb/article/view/871>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

LAUTERT, L.; ECHER, I. C.; UNICOVSKY, M. R. O acompanhante do paciente adulto hospitalizado. **Revista Gaúcha de Enfermagem**. Porto Alegre. Vol. 19, n. 2 (jul. 1998), p. 118-131 Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/23466>> Acesso em 23 dez 2016.

LIMA, Regina Aparecida Garcia de et al . A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas. **Rev. esc. enferm. USP**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 186-193, Mar. 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0080-62342009000100024&lng=en&nrm=iso> Acesso em 09 nov. 2016.

LIMA, K. Y. N.; SANTOS, V. E. P. O lúdico como uma estratégia de cuidados à crianças com câncer. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 76-81, Jun. 2015. Disponível em

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-14472015000200076&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 08 nov 2016.

LORENZI, C. G.; et al. Sentidos construídos por estudantes de medicina sobre o brincar com a criança hospitalizada: Reflexões sobre formação e humanização da assistência em saúde. **Sau. & Transf. Soc.**, ISSN 2178-7085, Florianópolis, v.1, n.3, p.83-93, 2011. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=265319573012>> Acesso em 09 nov. 2016.

MARTINS A. K. L.; et al. Repercussões da clownterapia no processo de hospitalização da criança. **Rev. pesquis. cuid. fundam. (Online)**; 8(1): 3968-3978, jan.-mar. 2016. Disponível em <http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/4206/pdf_1820> Acesso em 08 nov. 2016.

MASETTI, Morgana. Doutores da ética da alegria. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 9, n. 17, p. 453-458, Ago. 2005 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832005000200026&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 nov. 2016.

Ministério da Educação. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP. Notas Estatísticas. **Censo da Educação Superior**. 2014. Disponível em: <http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2015/notas_sobre_o_censo_da_educacao_superior_2014.pdf> Acesso em 15 jan. 2017.

MORCERF, C. C. P. et al. Projeto de extensão Ilumine: A entrada da figura do palhaço no ambiente hospitalar. **Revista Conexão UEPG**, Ponta Grossa, vol. 11 n.1 - jan./abr. 2015. Disponível em <<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/conexao>> Acesso em 09 nov 2016.

MOTA G. M. et. al. A percepção dos estudantes de graduação sobre a atuação do “doutor palhaço” em um hospital universitário. **Revista Brasileira de Promoção de Saúde**, Fortaleza, 25(2 Supl): 25-32, abr./jun., 2012. Disponível em <<http://ojs.unifor.br/index.php/RBPS/article/view/2241>> Acesso em: 09 nov 2016.

MUSSA, Claudia; MALERBI, Fani Eta Korn. O efeito do palhaço no estado emocional e nas queixas de dor de adultos hospitalizados. **Psicologia Revista**. Revista da Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde. ISSN 1413-4063, [S.l.], v. 21, n. 1, p. 77-97, fev. 2012. ISSN 1413-4063. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/13584>>. Acesso em: 08 nov. 2016.

OLIVEIRA, Gislene Farias de; DANTAS, Francisco Danilson Cruz; FONSECA, Patrícia Nunes da. O impacto da hospitalização em crianças de 1 a 5 anos de idade. **Rev. SBPH**, Rio de Janeiro , v. 7, n. 2, p. 37-54, dez. 2004 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582004000200005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 07 dez 2016.

OLIVEIRA, Roberta Ramos de; OLIVEIRA, Isabel Cristina dos Santos. Os Doutores da Alegria na unidade de internação pediátrica: experiências da equipe de enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 230-236, Jun 2008 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452008000200005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 nov. 2016.

OLIVEIRA, Arlene de Sousa Barcelos. **Palhaço no hospital: percepção da influência do pronto sorriso como instrumento de aprendizagem no ensino da graduação em medicina**. 2014. 106f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Saúde) Faculdade de Medicina, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

PAULA MARQUES, E. et al . Lúdico no cuidado à criança e ao adolescente com câncer: perspectivas da equipe de enfermagem. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro , v. 20, n. 3, e20160073, 2016 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-81452016000300218&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 jan. 2017.

ROLIM, A. A. M./ GUERRA, S.S.F./ TASSIGNY, M. M. Uma leitura de Vygotsky sobre o brincar na aprendizagem e no desenvolvimento infantil. **Rev. Humanidades**, Fortaleza, v. 23, n. 2, p. 176-180, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://brincarbrincando.pbworks.com/f/brincar%20_vygotsky.pdf> Acesso em: 05 mai 2016.

ROSEVICS, Leticia et al . ProCura - a arte da vida: um projeto pela humanização na saúde. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro , v. 38, n. 4, p. 486-492, Dec. 2014 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022014000400010&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 nov. 2016.

SATO, Mariana et al . Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar. **Interface Botucatu** , v. 20, n. 56, p. 123-134, Mar. 2016 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832016000100123&lng=en&nrm=iso> Acesso em 08 nov 2016.

SENA, Antonio Geraldo Gonçalves. **Doutores da alegria e profissionais de saúde: o palhaço de hospital na percepção de quem cuida**. 2011. 95f. Dissertação (Mestrado em Saúde de Enfermagem). Escola de Enfermagem. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

SEVERINO, Antônio J. Metodologia do trabalho científico. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TAKAHAGUI, Flavio Mitio et al . MadAlegria - Estudantes de medicina atuando como doutores-palhaços: estratégia útil para humanização do ensino médico?. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 1, p. 120-126, Mar. 2014 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-55022014000100016&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 09 nov. 2016.

TEIXEIRA, C. **Os Princípios do Sistema Único de Saúde**. Texto de apoio elaborado para subsidiar o debate nas Conferências Municipal e Estadual de Saúde. Salvador, Bahia. Junho de 2011.

WALDOW, V. R.; BORGES, R. F. Cuidar e humanizar: relações e significados. **Acta paul. enferm.**, São Paulo , v. 24, n. 3, p. 414-418, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002011000300017&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 15 jan. 2017.

WUO, Ana Elvira. **O clown visitador no tratamento de crianças hospitalizadas**. 1999. 208f. Dissertação (Mestrado em Estudos do Laser) Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1999.

Apêndice A – Resumo breve dos estudos

Auto - Ano	Título do trabalho	Objetivos	Metodologia	Resultados
Françani, 1998	Prescrição do dia: infusão de alegria. Utilizando a arte como instrumento na assistência à criança hospitalizada	Relatar a experiência de um grupo de alunas do Curso de Graduação em Enfermagem da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo que utiliza a arte (aspectos do teatro Clown) como recurso auxiliar da enfermagem na assistência à criança hospitalizada.	Tipo de pesquisa: Relato de experiência. Participantes: Estudantes de cursos da área da saúde e crianças, acompanhantes e equipe médica. Local: Pediatria do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Procedimento: Descrição da interação dos estudantes que são palhaços visitantes na pediatria do hospital.	A partir desta experiência pode-se observar algumas transformações no dia-a-dia: o espaço hospitalar tornou-se mais informal e descontraído, o riso pode ser ouvido com maior frequência e objetos, sons, movimentos, cores, espaços e personagens podem se tornar brinquedos.
Wuo, 1999	O clown visitador no tratamento de crianças hospitalizadas	Tecer uma análise científica e pragmática da arte e técnica de clown como conteúdo de um programa de lazer às crianças hospitalizadas.	Tipo de pesquisa: Qualitativa. Participantes: crianças de 0 a 18 anos portadoras de câncer ou outras doenças hematológicas. Local: Centro Infantil de Investigações Hematológicas Dr. Domingos A. Boldrini. Procedimento: Trabalho de arte Clown com as crianças. Registro da atuação do clown por meio de entrevista aberta com as crianças e pais e posteriormente com a equipe médica.	Em suma, o conteúdo e a estrutura da dissertação oferecem subsídios para futura elaboração de um curso de treinamento de clowns para atuar no hospital, prestando homenagem às crianças do Boldrini e a Luís Otávio Burnier, que orientou as bases artísticas da pesquisa.
Aquino, 2004	Doutores da graça: a criança fala...	Identificar a opinião de crianças hospitalizadas sobre o trabalho dos Doutores da Graça.	Pesquisa: Qualitativa. Participantes: 27 clientes de 4 à 12 anos internados para tratamento clínico e cirúrgico. Local: Hospital de médio porte do interior de São Paulo. Procedimento: Realização da intervenção do grupo de palhaços "Doutores da Graça" seguida de uma entrevista semiestruturada realizadas com os pacientes.	A análise das entrevistas demonstrou que para as crianças o palhaço tem o poder de diminuir as dores das mesmas, deixando-as mais fortes, autônomas, mais bem humoradas e alegres, pois supre a necessidade que a criança têm de brincar, compartilhando olhares e emoções.
Masseti, 2005	Doutores da ética da alegria	Apresentar os Doutores da Alegria são uma organização artística do terceiro setor, que desde os anos 1990 leva o trabalho de atores profissionais para dentro de hospitais.	Tipo: Não definido. Participantes: Atores integrantes do grupo Doutores da Alegria. Local: Dez hospitais, nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro e Recife. Procedimento: Detalhamento da criação, intervenções e estrutura dos Doutores da Alegria.	Os hospitais passaram a experimentar fronteiras no mínimo não usuais a sua realidade, reinserindo questões da vida à rotina asséptica e controlada de um hospital.
Gontijo, 2006	O discurso dos doutores da alegria: análise semiótica das estratégias comunicativas junto ao público infantil	Examinar a natureza semiótica da marca Doutores da Alegria, a fim de compreender as estratégias comunicativas empregadas pelo enunciador dessa marca para construir os valores e os sentidos produzidos na relação com um público específico, o infantil.	Tipo: Análise semiótica. Participantes: Atores integrantes do grupo e crianças enfermas. Local: Hospital público de São Paulo Procedimento: Uma situação de performance do grupo foi observada presencialmente e analisada. Além disso, foi realizada a análise da obra Poemas Esparadrápicos, criada pela ONG.	A apresentação dos resultados desse trabalho foi realizada em capítulos: Apresentação da marca Doutores da Alegria; análise de um texto sincrético em atuação: Poemas Esparadrápicos. Ambas apresentam impacto positivo sobre as crianças enfermas. Ampliando possibilidades de contato, percepção e brincadeiras.

Continua

Auto - Ano	Título do trabalho	Objetivos	Metodologia	Resultados
Oliveira; Oliveira, 2008	Os Doutores da Alegria na unidade de internação pediátrica: experiências da equipe de enfermagem.	Descrever os conhecimentos da equipe de enfermagem quanto à atuação dos Doutores da Alegria e analisar as experiências da equipe de enfermagem quanto a esta atuação.	Tipo: Qualitativa. Participantes: Dez membros da equipe de enfermagem. Local: Unidade de internação pediátrica. Procedimento: Para a abordagem dos sujeitos, foi utilizada a entrevista não diretiva em grupo.	Constata-se que a maioria das depoentes conhece a atuação dos Doutores da Alegria, sendo possível evidenciar reações e benefícios durante a hospitalização da criança, bem como a tríade de relações entre palhaços, mãe acompanhante e equipe de enfermagem.
Araújo, 2009	Interações entre voluntários e usuários em onco-hematologia pediátrica: um estudo sobre os "palhaços-doutores"	Conhecer a percepção do sobre a interação entre os diversos públicos entrevistados, sendo pacientes, acompanhantes e os "palhaços-doutores".	Tipo: Exploratória e descritiva. Participantes: Pacientes, acompanhantes e "Palhaços-Doutores". Local: Unidade de onco-hematologia pediátrica. Procedimento: Entrevistas, bem como observação das atividades.	Os relatos obtidos indicam que tanto pacientes quanto acompanhantes percebem os benefícios da intervenção destes voluntários como estratégia distrativa de enfrentamento e estimulação do desenvolvimento em condições adversas.
Lima, 2009	A arte do teatro Clown no cuidado às crianças hospitalizadas	Explorar a experiência da utilização da arte do teatro clown no cuidado as crianças hospitalizadas, a partir de uma atividade desenvolvida por alunos de cursos de graduação da área da saúde.	Tipo: Análise temática de conteúdo. Participantes: 20 crianças e 11 alunos, personagens do teatro clown. Local: Hospital-escola do interior de São Paulo. Procedimento: Os dados foram obtidos mediante observação, foram analisados e agrupados ao redor dos seguintes temas: expressões artísticas como forma de comunicação, participação do binômio criança e acompanhante e o clown como recurso terapêutico.	Esta experiência foi composta por uma intervenção concreta que valorizou o processo de desenvolvimento infantil, pois abriu espaço para a fantasia, o riso, a alegria e a apropriação do cotidiano hospitalar. Foi um exemplo de ampliação do processo diagnóstico e terapêutico com a incorporação de intervenções que privilegiaram as necessidades afetivas, emocionais e culturais da criança e sua família.
Assis, 2010	O riso pela lógica do palhaço na clinic análise do sofrimento psíquico grave	Analisar a prática da atuação artística de palhaços na clínica do sofrimento psíquico grave ou como comumente conhecida, a clínica das psicoses e transtornos correlatos.	Tipo: qualitativa com referencial metodológico da Pesquisa-Ação Existencial e Integral. Participantes: Pessoas com sofrimento psíquico grave e profissionais da saúde. Local: Unidades de internação de um Hospital no Distrito Federal. Procedimento: Os dados foram obtidos por meio de Videogravação das intervenções dos palhaços, juntamente com entrevistas associadas.	Os resultados obtidos compuseram um corpus com as seguintes categorias de análise: riso, brincadeira, socialização, ressonância afetiva e expressão subjetiva. Acredita-se que o palhaço no hospital psiquiátrico pode exercer ações de importância tanto sobre o cliente quanto na instituição em si.
Lorenzi, 2011	Sentidos construídos por estudantes de medicina sobre o brincar com a criança hospitalizada: Reflexões sobre formação e humanização da assistência em saúde	Discutir o significado atribuído por estudantes de Medicina sobre o brincar com a criança hospitalizada e suas implicações para a humanização em saúde e para a própria formação médica.	Tipo: Qualitativa. Participantes: 15 Estudantes de um curso de medicina que atuam em um grupo de palhaços inspirados na figura dos "doutores da Alegria". Local: Enfermaria de pediatria. Procedimento: Foram realizadas entrevistas abertas com os estudantes, a análise aconteceu tendo como base as contribuições do movimento construcionista social em ciência.	Os resultados indicaram a existência de um forte investimento emocional dos estudantes nesse tipo de atividade (intervenções lúdicas hospitalares), percebido através da expectativa de transformar o sofrimento, pela hospitalização vivenciada pelas crianças, através do brincar e da qualidade da relação com eles estabelecida. Assim como para a formação em saúde e formação médica.

Continua

Auto - Ano	Título do trabalho	Objetivos	Metodologia	Resultados
Sena, 2011	Doutores da alegria e profissionais de saúde: o palhaço de hospital na percepção de quem cuida	Analisar a percepção de profissionais de saúde sobre a atuação dos Doutores da Alegria, um grupo formado por artistas que se vestem de palhaços e visitam crianças internadas em hospitais públicos, e sua influência no seu cotidiano de trabalho.	Tipo: Qualitativa. Participantes: 13 profissionais das diferentes categorias da saúde. Local: Enfermaria e no CTI da unidade pediátrica de um hospital universitário. Procedimento: Os dados foram coletados por meio de entrevistas. Utilizou-se a técnica da análise de conteúdo.	Verificou-se que na visão dos profissionais, seus colegas de trabalho percebem como positivas as atividades desenvolvidas pelos Doutores da Alegria, e que pouquíssimos não as percebem da mesma forma, devido a uma característica de personalidade. Não foi possível comprovar mudança no comportamento da equipe de profissionais após o início das atividades dos Doutores da Alegria, ocorrido em 2007. Também não se relatou interferências prejudiciais na rotina de trabalho dos profissionais, salvo raramente, em situações pouco significativas.
Mussa, Malerbi, 2012	O efeito do palhaço no estado emocional e nas queixas de dor de adultos hospitalizados	Avaliar os efeitos da presença de palhaços voluntários, de uma Ong chamada Operação Arco-Íris, no estado emocional e nas queixas de dor de pacientes adultos hospitalizados.	Tipo: Não informado. Participantes: 15 adultos (21 – 77 anos de idade) de ambos os sexos. Local: Clínica Médica da Santa Casa de São Paulo. Procedimento: A partir de um roteiro, observou-se o comportamento dos pacientes antes, durante e depois da visita dos palhaços. Além disso, foram realizadas entrevistas com o objetivo de avaliar o estado emocional e a presença de dor.	Os resultados apontaram que, após a visita dos palhaços, a maioria dos pacientes passou a interagir mais com os companheiros de quarto e com os profissionais de saúde, diminuíram suas queixas de dor e aumentou sua movimentação dentro da enfermaria. Além disso, os dados de observação indicaram que, após a visita dos palhaços, a maioria dos pacientes mudou o estado de humor, passando a ser classificada como alegre.
Mota, Mota, 2012	A percepção dos estudantes de graduação sobre a atuação do “doutor palhaço” em um hospital universitário	Compreender como os estudantes percebem a humanização da saúde, bem como as contribuições do Projeto Y “doutores-palhaços” na formação acadêmica e na rotina hospitalar, identificando a relevância do grupo neste meio na construção de novos paradigmas.	Tipo: Qualitativa. Participantes: Acadêmicos de medicina/psicologia e estagiários da enfermaria pediátrica. Local: Hospital Universitário em Fortaleza – CE. Procedimento: Foram realizadas entrevistas individuais gravadas e transcritas na íntegra que foram analisadas por rede interpretativa, composta por categorias relacionadas ao conhecimento e participação no Projeto Y, além de avaliação enquanto futuros profissionais.	Os estudantes conheceram o Projeto Y a partir da observação das atividades realizadas nas enfermarias. Relataram que as visitas diminuem o estresse das crianças, dos acompanhantes e auxiliam na recuperação dos doentes, atuou também na formação humanizada do profissional de saúde, considerada essencial, e contribuiu para a prática da multidisciplinaridade.
Cassoli, 2012	Riso e estratégias de poder: alianças atuais no governo das condutas	Problematizar a presença dos palhaços enquanto técnicos do riso em instituições hospitalares.	Tipo: Análise que levanta linhas, fissuras, fragmentando o que emerge nos discursos de modo uniforme e contínuo. Participantes: Não informados. Local: Não informado. Procedimento: Análise das práticas discursivas da psicologia e da medicina a respeito dos palhaços humanitários que respondem aos objetivos das organizações não governamentais.	O riso aparece na instituição como um indicador de saúde do indivíduo, refere-se à eficiência de modos de subjetivação frente à doença e ao tratamento que, nestas intervenções, relacionam o princípio do prazer do riso à ideia de felicidade. Problematizou-se tal relação, pois, a produção de felicidade tornou-se uma das principais estratégias do capitalismo ao atualizar em suas práticas o homo economicus.

Continua

Auto - Ano	Título do trabalho	Objetivos	Metodologia	Resultados
Oliveira, 2014	Palhaço no hospital: percepção da influência do pronto sorriso como instrumento de aprendizagem no ensino da graduação em medicina	Analisar a influência do Pronto Sorriso como instrumento de na formação humanística do acadêmico de medicina no ambiente hospitalar.	Tipo: Qualitativa de cunho exploratório, transversal. Participantes: 20 Acadêmicos de medicina e 10 profissionais de saúde. Local: Unidade pediátrica do Hospital das Clínicas da UFG. Procedimento: Entrevistas gravadas, usando como instrumento um questionário e um roteiro de entrevista semiestruturada. Para análise dos resultados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo de Bardin.	Conclui-se que o Pronto Sorriso foi um instrumento do humor na formação humanística do acadêmico de medicina bem como na transformação do ambiente hospitalar e propiciou conhecimentos e desenvolvimento de habilidades referentes à atuação dos doutores palhaços.
Takahagui, 2014	MadAlegria - Estudantes de medicina atuando como doutores-palhaços: estratégia útil para humanização do ensino médico?	Relatar a experiência do primeiro ano de operacionalização do Projeto de Extensão Acadêmica MadAlegria, bem como seus possíveis benefícios para os participantes do projeto, além dos possíveis impactos em pacientes adultos e idosos, que deverão ser mais bem investigados em trabalhos futuros.	Tipo: Relato de experiência. Participantes: Alunos da área da saúde. Local: Instituto do Câncer do Estado de São Paulo e enfermarias do Complexo do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP Procedimento: Relato de doutores-palhaços que visitaram pacientes hospitalizados. Paralelamente, foram realizados estudos para conhecer o impacto da atuação do doutor-palhaço sobre pacientes adultos, profissionais da saúde e alunos que participam do projeto.	Os resultados preliminares de estudo com os acadêmicos sugerem que eles adquiriram habilidades de comunicação e ampliaram a visão do paciente.
Rosevics, 2014	ProCura – A arte da vida: um projeto pela humanização na saúde	Apresentar o grupo ProCura e compreender os três pilares: relação estudante-paciente, relação estudante-estudante e formação teórico-reflexiva, e se subdividem nos grupos Cineclube, Clown e Contação de Histórias.	Tipo: Apresentação do projeto de extensão “ProCura – a arte da vida” Participantes: 79 alunos participaram e atenderam 905 pacientes, 505 acompanhantes e 107 funcionários. Local: Pediatria do Hospital de Clínicas da UFPR. Procedimento: Relato dos objetivos e metodologia de trabalho do grupo ProCura.	Apesar de limitações de alcance no que concerne a atingir todos os alunos do Setor de Ciências da Saúde, o projeto pretende fomentar a discussão entre grupos e que seus ideais e atividades se espalhem e permeiem o meio acadêmico.
Lima, Santos, 2015	O lúdico como estratégia no cuidado à criança com câncer	Compreender a influência do lúdico para o processo de cuidar, na percepção de crianças com câncer.	Tipo: Qualitativo, exploratório descritivo. Participantes: 8 crianças. Local: Oncopediatria em Natal, Rio Grande do Norte. Procedimento: Os dados foram coletados por meio de registros fotográficos e entrevista semiestruturada, com a análise de conteúdo categorizada.	Concluiu-se que as atividades lúdicas envolvem o assistir à televisão, o uso de computadores, os jogos e os brinquedos, a realização de desenhos, a brinquedoteca e o palhaço, os quais proporcionam diversão, sentimentos de alegria, distração e interação com outras pessoas.
Morcerf, Impagliazzo, 2015	Projeto de extensão ilumine: a entrada da figura do palhaço no ambiente hospitalar	Apresentar o Projeto Ilumine, realizado por estudantes de medicina. O Projeto lumine utiliza a transferência de um personagem símbolo da diversão e do humor para o ambiente hospitalar: o palhaço-doutor.	Tipo: Relato de experiência. Participantes: Estudantes de Medicina. Local: Hospitais, abrigos, orfanatos, escolas e Unidades de Saúde. Procedimento: Trata-se de um relato de experiência advindo de uma prática extensionista, vinculada ao Projeto Ilumine.	Foram levantados pontos como a necessidade de apoio da universidade pra manutenção e divulgação do projeto de extensão. Os estudantes relatam diversos benefícios por ampliar a visão do hospital e contato com o paciente.

Continua

Auto - Ano	Título do trabalho	Objetivos	Metodologia	Resultados
Amorim, 2015	Mediar com Amor e Humor: uma Experiência a partir do Olhar dos Participantes	Relatar e refletir sobre as experiências vivenciadas por suas autoras nas ações de educação e cuidado em saúde infantil do projeto MediArte.	Tipo: Relato de experiência. Participantes: Estudantes de Medicina e integrantes do projeto. Local: Hospital de Pediatria da UFRN. Procedimento: Análise dos registros feitos em relatórios, escritos após cada intervenção.	Observou-se que a presente iniciativa foi uma estratégia de educar em saúde, onde teoria e práticas potencialmente interdisciplinares, humanizadoras e éticas conseguiram ser desenvolvidas. Todo esse processo contribuiu para uma formação mais integral dos alunos de graduação, bem como uma iniciativa de humanização do cuidado no SUS.
Sato; Ramos, 2016	Palhaços: uma revisão acerca do uso dessa máscara no ambiente hospitalar	Coletar os dados disponíveis na literatura científica referentes às intervenções baseadas em palhaços no hospital e, com isso, refletir sobre o modo como este trabalho pode ser melhor conduzido tanto por profissionais como por voluntários.	Tipo: Revisão bibliográfica Participantes: Não informado. Local: Não Informado. Procedimento: Foram analisados 33 artigos, sobre a atuação de diferentes grupos de palhaços em vários hospitais do mundo, a fim de compreender melhor como se dão estas visitas e de que modo podem efetivamente trazer resultados positivos.	Foi observado que estes encontros tem a potencialidade de estabelecer relações profundas capazes de ressignificar o ambiente hospitalar, empoderar os pacientes e servir como modelo de relação para toda a equipe de saúde envolvida.
Brito 2016	O humor e o riso na promoção de saúde: uma experiência de inserção do palhaço na estratégia de saúde da família	Apresentar um grupo de palhaços caracterizados de médicos que realizou visitas domiciliares por oito meses em dez famílias em micro áreas de duas equipes de saúde da família.	Tipo: Relato de experiência. Participantes: Grupo de palhaços formado por equipe médica e Dez famílias. Local: Unidade de Saúde da Família e casa das famílias. Procedimento: Intervenções nos domicílios de famílias em situação de vulnerabilidade social indicadas pelas equipes de saúde da família e utilizar a alegria, o humor, o riso como formas de provocar reflexões sobre problemas cotidianos.	A presença dos "médicos-palhaços" nas casas foi capaz de construir vínculos fortes e livres com as famílias e de potencializar o cuidado humanizado e integral no contexto da estratégia de saúde da família. Juntos, palhaços e famílias construíram, de modo singular, possíveis soluções para dificuldades enfrentadas no dia a dia.
Martins, 2016	Repercussões da clownterapia no processo de hospitalização da criança	Analisar as repercussões da Clownterapia no processo de hospitalização da criança.	Tipo: Estudo exploratório-descritivo com abordagem qualitativa. Participantes: Equipe de Enfermagem. Local: Hospital pediátrico do município de Cajazeiras, PB Procedimento: Entrevista semiestruturada individual. Análise temática de conteúdo, segundo os pressupostos de Bardin. O resultado obtido após análise foram apresentados de forma descritiva, seguindo a ordem de emergência temática, dividida em categorias e subcategorias.	Os principais problemas inerentes ao processo de hospitalização da criança, na ótica dos profissionais de enfermagem, consistiram na mudança do ambiente natural da criança e no tempo de permanência no hospital. Dentre as modificações dadas a partir da Clownterapia, notou-se a formação espontânea de vínculos entre a equipe de enfermagem, as crianças e seus respectivos responsáveis, facilitando a compreensão e colaboração destes em todas as etapas do cuidar.

Continua

Auto - Ano	Título do trabalho	Objetivos	Metodologia	Resultados
Igreja, 2016	Performance clown e saúde: o papel dos Trapamédicos na humanização do ambiente hospitalar na cidade de Blumenau	Estudar a performance clown (atuação do palhaço) enquanto fator de humanização das relações em ambiente hospitalar na cidade de Blumenau.	Tipo: Qualitativa, etnográfica. Participantes: Integrantes do grupo Trapamédicos. Local: Hospitais de Blumenau. Procedimento: Observação participante, entrevista, diário de campo e registro fotográfico, áudio e vídeo.	Pode-se observar a importância do papel do palhaço no sentido de promover uma ruptura no cotidiano mecanicista, abrindo uma brecha para relações mais humanas e promovendo uma alteração positiva no ambiente na medida que traz à tona para o contexto das relações hospitalares a importância do inusitado, da empatia, do afeto e da alegria.
Figueiredo, 2016	Na eternidade cabe lá todo o mundo: visita de palhaços a instituições de longa permanência	Oferecer elementos para a compreensão do significado da intervenção de palhaços em instituições de longa permanência de idosos.	Tipo: Etnográfica. Participantes: Integrantes do grupo Gandaiá. Local: Instituição de Longa Permanência para Idosos. Procedimento: Mostrado por meio do referencial conceitual e metodológico da antropologia os impasses envolvidos na tentativa desse grupo de "humanizar" a vida dos Idosos institucionalizados.	Ao mostrar que a velhice é um construto social a antropologia convida a uma reflexão mais aprofundada do que é tido como adquirido, desnaturalizando ideias pré-concebidas. Para todos os efeitos é através do humor individual e coletivo que as mentalidades, os hábitos de classe e os estilos culturais se manifestam.

Fonte: Autoria própria.

Conclusão